



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo



ADRIANE FOLLADOR CARDOSO

EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIO COWORKING

CURITIBA

2013

ADRIANE FOLLADOR CARDOSO

EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIO COWORKING

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Eneida Kuchpil

CURITIBA

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador (a):

Prof. Dr. Eneida Kuchpil

Examinador (a):

Prof. Dr. Cleusa de Castro

Examinador (a):

Prof. Dr. Marco Dudeque.

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, 18 de março de 2013.

Agradeço a todos que me apoiaram, a professora Eneida Kuchpil pela orientação e aos familiares pelo apoio, ajuda e carinho.

RESUMO

Esta monografia discute o surgimento de uma nova tipologia de trabalho, o escritório *coworking*, e as novas formas de interação social que ele propõe nesse ambiente. O embasamento teórico trata de aspectos arquitetônicos espaciais que podem contribuir para o sucesso desta nova tipologia de espaço de trabalho. Esta pesquisa prepara teoricamente para o desenvolvimento posterior do projeto arquitetônico de um edifício de escritórios na mesma tipologia.

Palavras-chave: Escritório Coworking, Tipologia de escritórios, Espaço de Trabalho.

ABSTRACT

This monograph discusses the rise of a new work typology, the *coworking* office, and the new forms of social interaction that it proposes. The theoretical foundation deals with spatial architectural aspects that are able to contribute to the success of this new workplace typology. This research theoretically prepares for a further development of an architectural project for an office building with the same typology

Keywords: *Coworking* office, Office typology, Work Space.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Exemplos de tipologias de escritórios	22
FIGURA 2 - Escritório da empresa Google em Zurich	25
FIGURA 3 - Escritório coworking Gangplank	30
FIGURA 4 - Reunião no espaço do escritório coworking Indy Hall	31
FIGURA 5 - Gráfico – elementos <i>coworking</i> e seu graus de necessidade.	35
FIGURA 6 - HUB Madri - Armários e Biblioteca	39
FIGURA 7 - HUB Madri - Salão principal	40
FIGURA 8 - HUB Madri - sala de eventos	41
FIGURA 9 - MUTINERIE - Planta térreo	42
FIGURA 10 - MUTINERIE - Planta subsolo	42
FIGURA 11 - MUTINERIE – Degraus de inspiração, subsolo	43
FIGURA 12 - MUTINERIE - Café	44
FIGURA 13 - MUTINERIE – jardim	44
FIGURA 14 - Planta <i>La Cantine</i>	45
FIGURA 15 - Indy Hall - mesa de trabalho e longe	46
FIGURA 16 - Indy Hall - Planta térreo	47
FIGURA 17 - Indy Hall - Planta 2º pavimento	47
FIGURA 18 - Indy Hall - Almoço promovido pelo escritório	48
FIGURA 19 - Centraal Beheer – Vista aérea	55

FIGURA 20 - Centraal Beheer – Vista externa	56
FIGURA 21 – Centraal Beheer – Rua central	57
FIGURA 22 – Centraal Beheer – Estações de trabalho	58
FIGURA 23 - Centraal Beheer – Átrio.....	59
FIGURA 24 - 20th Street Offices.....	60
FIGURA 25 - 20th St. Offices – Diagrama de métodos sustentáveis - perspectiva .	62
FIGURA 26 - 20th St. Offices – Diagrama de métodos sustentáveis - corte.....	62
FIGURA 27 - 20th St. Offices – Planta primeiro pavimento	63
FIGURA 28 - 20th St. Offices – Planta mezanino	63
FIGURA 29 - 20th St. Offices – Vista do salão de trabalho	64
FIGURA 30 - 20th St. Offices – Funções da cobertura	65
FIGURA 31 - 20th St. Offices – Estacionamento	65
FIGURA 32 - Aldeia Coworking - Salão de trabalho	66
FIGURA 33 - Aldeia Coworking - Sala de Espelhos	67
FIGURA 34 - Aldeia Coworking - Biblioteca Colaborativa.....	68
FIGURA 35 - Aldeia Coworking - Espaço de criatividade	68
FIGURA 36 - Nex Coworking – Estar.....	69
FIGURA 37 - Nex Coworking - Cozinha e <i>lok</i> ers	70
FIGURA 38 - Hub Curitiba – Entrada.....	71
FIGURA 39 - Hub Curitiba - Salas de reunião e/ou Eventos	72
FIGURA 40 - Hub Curitiba - Cozinha e quadro de recados	72

FIGURA 41 - Localização dos escritórios coworking de Curitiba.....	73
FIGURA 42 - Localização do terreno.....	74
FIGURA 43 - Foto aérea do terreno.....	75
FIGURA 44 - Testa do terreno.....	76
FIGURA 45 - Rua Cel. Brasilino Moura – vista 1.....	77
FIGURA 46 - Rua Cel. Brasilino Moura – vista 2.....	77

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.3 JUSTIFICATIVAS.....	15
1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	17
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	18
2. BREVE HISTÓRICO DA TIPOLOGIA DOS ESPAÇOS DE TRABALHO	19
3. ESCRITÓRIO COWORKING	23
3.1 PANORAMA GERAL	23
3.2 CONCEITO <i>COWORKING</i>	28
3.3 O PERFIL DO <i>COWORKER</i>	33
3.4 A TIPOLOGIA DO ESCRITÓRIO <i>COWORKING</i>	35
4. ANÁLISES DE ESCRITÓRIOS ATUAIS	38
4.1 HUB MADRI	39
4.2 MULTINERIE	42
4.3 LA CANTINE	45
4.4 INDY HALL.....	46
5. PERCEPÇÃO DO ESPAÇO	49
6. ESTUDOS DE CASO	55
6.1 CENTRAAL BEHEER HEAD OFFICE – HERMAN HERTZBERGER - HOLANDA ..	55
6.2 20th St. OFFICES.....	60

7. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	66
7.1 ESCRITÓRIOS COWORKING EM CURITIBA	66
7.1.1 ALDEIA COWORKING	66
7.1.2 NEX COWORKING	69
7.1.3 HUB CURITIBA	71
7.2 TERRENO	73
7.3 DIRETRIZES DE PROJETO	78
7.2.1 Pré-programa	79
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
WEBGRAFIA	81
FONTES DE ILUSTRAÇÃO.....	83
ANEXOS.....	85

1. INTRODUÇÃO

O interesse por essa nova tipologia de trabalho, surgiu durante conversas com amigos que participaram da criação de um dos escritórios *coworkings* de Curitiba, a *Aldeia coworking*. Num primeiro momento, sem conhecimento maior sobre o assunto, a autora interpretou esse tipo de escritório apenas como uma nova tipologia de espaço de trabalho, deste modo, entendeu que não haveria pertinência em estudar o assunto, visto seu caráter superficial.

Uma vez que, por curiosidade, a autora se propôs a fazer uma breve pesquisa sobre o escritório *coworking*, deparou-se com uma infinidade de questões com rebatimentos espaciais envolvendo esse tipo de escritório que a motivou na escolha deste como o tema deste trabalho final de graduação.

A recente popularização e criação dessa tipologia de escritórios acabaram se tornando um grande estímulo, um impulso investigatório. O escritório *coworking* mais antigo, localizado em Londres, data de 2005. O escritório mais antigo de Curitiba data de 2010 e o seu mais recente, estabelecido em 2012 faz parte de uma das maiores redes de escritórios *coworking*, com mais de 60 (sessenta) unidades espalhadas por 5 (cinco) continentes. Esse crescimento acelerado aponta o sucesso dessa tipologia de escritórios e mesmo assim são poucos os estudos arquitetônicos teóricos apresentados a respeito.

Nesse contexto, fez-se um esforço para entender como a arquitetura pode contribuir para esse movimento que não produz apenas um simples local de trabalho, mas sim um local gerador de novas formas de interação humana, inter-relacionamento social e é reflexo de uma nova forma na economia mundial.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O modo de perceber o mundo está mudando, a nova economia compartilhada muda o modo como as pessoas gastam seu tempo e dinheiro, interagem, trabalham e vivem. Os espaços de trabalho devem acompanhar essas mudanças.

De forma generalizada, o escritório *coworking* é um espaço onde pessoas trabalham juntas em seus próprios projetos, ele é uma das, se não a melhor, alternativa para as pessoas escaparem de seu confinamento em escritórios pequenos ou de seus cubículos, ou então do isolamento e da distração que o trabalhar em casa pode causar.

Somado a isso, pode trazer melhor qualidade de vida aos usuários, uma vez que esse pretende se estabelecer em uma região de fácil acesso, afastado o suficiente do centro, para evitar seu congestionamento, e próximo o suficiente para que ainda tenha uma boa localização, uma vez que esse será o endereço comercial dos seus usuários.

Desse modo, este trabalho busca estudar e compreender os diversos objetivos desse novo espaço de trabalho e como a arquitetura pode se relacionar com essa nova forma de trabalhar.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem por objetivo geral a definição das diretrizes para o projeto de edifício de escritório *coworking*, a ser concebido na segunda etapa do trabalho final de graduação. Para isso, buscou-se embasamento teórico-conceitual para a criação de um espaço de trabalho que permita e facilite a comunicação entre os usuários e que, assim, torne-se um espaço gerador de uma comunidade.

1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivo específico, este trabalho pretende:

- Compreender as intenções e os objetivos do escritório *coworking*.
- Analisar sua tipologia, através dos escritórios existentes, para o entendimento do funcionamento atual dos escritórios.
- Interpretar suas intenções e estudar os possíveis rebatimentos espaciais através de teorias e conceitos sobre o espaço arquitetônico.
- Definir as diretrizes gerais de projeto de acordo com o levantamento atual desses escritórios mesclados com os conceitos que se mostrarem mais relevantes na formação desse espaço, que, ao mesmo tempo, é o centro de uma comunidade e ambiente de trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVAS

A forma de trabalhar vem se modificando gradativamente e, em muitos casos, não mais se faz necessário o uso de um escritório para exercer as atividades referentes ao trabalho. Essa libertação do espaço de trabalho surgiu a partir do avanço da internet aliada à tecnologia de informação e comunicação. Uma vez que o computador tornou-se portátil, a internet tornou-se móvel e o acesso a essas duas tecnologias é facilitado, profissionais autônomos não precisam de muito mais que um lugar para se sentar para poder exercer suas atividades.

Do mesmo modo, o avanço dessa tecnologia fez com que as grandes empresas se tornassem cada vez mais conectadas, permitindo que exerçam trabalhos em equipes com membros espalhados ao redor do mundo. Uma vez que a comunicação se torna facilitada, a tendência é compartilhar informações.

Não só o compartilhamento de informação está se popularizado, mas o compartilhamento como um todo: sites de compras coletivas, viagens no sistema de troca de residências, divisão de carros ou outros meios de transporte particular com outras pessoas, dentre outras diversas maneiras de cooperação. Em suma, o futuro se resume em consumo colaborativo.

Nesse contexto formou-se o escritório coworking, que atende as necessidades de pequenas empresas e organizações, profissionais autônomos e free-lancers, em uma ou mais dessas razões: reduzir custos; ter acesso a uma comunidade de empreendedores; buscar a colaboração dentro e entre os campos de trabalho.

Mais do que um espaço de trabalho, esse escritório pretende criar um espaço que apoia uma comunidade, que dinamiza a interação entre os usuários e que possibilita uma nova versão de espaços de trabalho: mais produtiva, sustentável, motivadora, além de mais econômica.

Foram essas questões, além da deficiência no estudo dessa nova e importante tipologia de trabalho, que motivaram a autora a prosseguir sua pesquisa numa tentativa de contribuir para o melhor entendimento do espaço destinado a determinada atividade profissional.

1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Por se tratar de uma tipologia de escritórios recente (apenas 8 anos), a bibliografia existente sobre o assunto ainda é reduzida. Mesmo assim, algumas publicações foram feitas por profissionais que promovem esse espaço, possibilitando uma pesquisa precisa sobre os escritórios *coworking* a respeito de suas intenções e características. Além disso, dois *sítes* foram bastante importantes para a compilação de dados referentes aos escritórios, são esses: www.deskmag.com e www.deskwanted.com. Ambos são referência para a pesquisa de escritórios *coworking* e juntos, produzem pesquisas anuais sobre o crescimento e impacto dessa tipologia para as pessoas que o utilizam.

O estudo teórico do espaço e de outros elementos arquitetônicos tornou-se imprescindível para a definição das diretrizes gerais. Os estudos de caso foram escolhidos de forma a complementar a teoria, uma vez que não foi possível a utilização de nenhum escritório *coworking*, pois que não foi encontrado material suficiente para compor um estudo de caso pertinente. Mesmo assim, fez-se uma breve análise espacial de alguns escritórios existentes, para poder, mais tarde, definir o programa de um novo escritório *coworking* em Curitiba.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

A pesquisa apresentada neste volume faz parte do Trabalho Final de Graduação apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. Este trabalho está organizado em sete capítulos somados ao capítulo de introdução.

O segundo capítulo, faz uma breve análise histórica sobre os edifícios de escritório e suas tipologias.

O capítulo seguinte, denominado *Escritório Coworking*, faz o levantamento do objeto estudado, analisando seu surgimento, seus objetivos e sua tipologia. Como não foi possível encontrar publicações na área de arquitetura a respeito desses escritórios, o capítulo quatro foi dedicado ao estudo de alguns escritórios existentes a fim de identificar neles padrões que auxiliariam na definição do programa de um edifício de escritório *coworking*.

O capítulo cinco tem como função estudar e analisar teorias na área de arquitetura que se enquadrem dentro das propostas deste ambiente de trabalho, e que deem apoio às diretrizes de projeto, desenvolvidas no capítulo sete.

O estudo de caso de Edifício Centraal Beheer foi desenvolvido de forma a complementar e analisar espacialmente a teoria apresentada no capítulo anterior. Já o estudo de caso do Edifício 20th St. Offices foi desenvolvido para analisar os métodos sustentáveis aplicados em edifícios de mesmo porte e características do projeto a ser desenvolvido.

O último capítulo apresenta os escritórios existentes em Curitiba e define as diretrizes gerais que nortearão o projeto da segunda etapa do Trabalho Final de Graduação assim como o seu terreno e o programa básico para sua implantação.

2. BREVE HISTÓRICO DA TIPOLOGIA DOS ESPAÇOS DE TRABALHO

De acordo com Caruso e St. John, os primeiros escritórios comerciais surgiram nas cidades industriais dos Estados Unidos no início do século XIX. Com a invenção do telégrafo e do telefone, os escritórios poderiam se manter independentes das casas e das fábricas. As novas tecnologias como luz elétrica, a máquina de escrever e as calculadoras, permitiam que as informações fossem acumuladas e processadas mais rapidamente e de forma mais eficiente.

Mais tarde, tecnologias como o steel frame e o elevador possibilitaram que edifícios mais altos fossem construídos. Geralmente o layout desses edifícios era composto por salas pequenas separadas ao longo de grandes corredores.

Na sequência, surge uma visão econômica sobre os layout desses escritórios: uma área aberta comportaria mais pessoas do que o atual modelo em que a mesma área era dividida em várias pequenas salas.

Segundo Broek, o escritório modernista era tido como enorme. A configuração dos espaços era a expressão física da hierarquia entre os membros do escritório. O status dos empresários era indicado pelo tamanho, localização e até mesmo pelo número de janelas de suas salas. O restante da equipe de trabalho se estabelecia em áreas abertas, de organização racional.

Caruso e St. John apontam que o edifício do Chase Manhattan Bank como exemplo clássico dessa hierarquia, onde administradores e o restante da equipe de trabalho se instalavam em áreas abertas, os gerentes em escritórios compartimentados e os executivos em grandes salas luxuosas nos andares mais altos.

O uso posterior do ar-condicionado e das lâmpadas fluorescentes permitiu que os edifícios pudessem ter áreas abertas maiores e mais eficientes, pois não mais havia necessidade da luz ou da ventilação natural. O escritório havia se tornado completamente autônomo do ambiente externo.

O surgimento do escritório paisagem¹, baseado num modelo de relacionamento humano, identificou as especificidades de um escritório, estabelecendo um determinado layout para cada caso particular de atividade. Porém, a natureza de democracia social do pós guerra procurava por um modelo mais igualitário de gerenciamento. Assim, as empresas encorajavam todos os seus funcionários, de diversos níveis de hierarquia, a trabalharem juntos em um grande salão de planta livre.

Nesse mesmo momento, Broek afirma que o avanço do sistema de acabamentos, como forro suspenso, luminárias, dutos e divisórias, utilizados em padrões de grelha, permitiu que os escritórios fossem padronizados e produzidos em massa. Assim, os escritórios poderiam suportar tanto salas menores, como espaços abertos de trabalho. Porém, o tamanho das grandes corporações e a facilidade de programar e manter padrões homogêneos nas estações de trabalho prejudicou o equilíbrio entre a privacidade e a intenção de permitir contribuição individual nos espaços de trabalho.

Segundo Caruso e St. John, a rejeição do escritório paisagem corresponde à crise econômica de 1973, impulsionada pelo aumento da energia elétrica. Alguns países regulamentaram os espaços de trabalho impondo parâmetros, tais como uma quantidade de metros quadrados por empregado, o acesso visual para o exterior, luz natural e janelas que pudessem ser abertas. Esses parâmetros se tornaram fator importante na qualidade de vida dos usuários dos escritórios.

Ainda segundo eles “O resultado dessa bem intencionada, porém inflexível regularização é que muitos ambientes de escritórios não expressam a cultura de sua organização de maneira positiva e integrada, gerando como resultado muitos escritórios celular”. (CARUSO; ST. JOHN, Disponível em: <<http://www.carusostjohn.com/>>)

Tanto Broek como Caruso e St. John afirmam que o espaço de trabalho mais importante dos anos 70 foi o edifício de escritórios da Centraal Beheer, de Herman Hertzberger, o qual foi estudado separadamente em um capítulo

¹ De origem alemã, o escritório paisagem, ou *Burolandschaft* em alemão, é um movimento no planejamento de escritórios de planta livre, surgido do começo dos anos 50.

posterior neste mesmo trabalho. Esse edifício quebrou os moldes de hierarquia e controle e introduziu a democracia no ambiente de trabalho.

Diversas mudanças sociais ocorreram durante esse período dentro dos escritórios, como a divisão de trabalho, a expressão pessoal, a personalização do horário de trabalho, e o avanço das mulheres tomando posições mais altas dentre os cargos das empresas. Mesmo assim, Broek afirma que não ocorreram grandes mudanças nos cenários físicos dos espaços de trabalho; os altos cargos continuaram representados por grandes escritórios e os funcionários permaneceram nos espaços abertos.

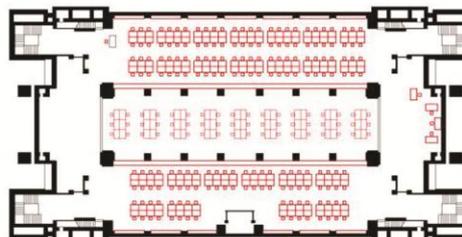
De acordo com Caruso e St. John muitos escritórios passaram a misturar os escritórios compartimentados com os escritórios em planta livre, onde algumas atividades eram desenvolvidas em um tipo de ambiente, outras no outro tipo. Outra tipologia que ficou famosa foi os escritórios localizados na periferia das cidades.

Broek afirma que em uma tentativa de trazer novamente aos escritórios uma aparência mais pessoal e com um aspecto menos temporário, foram criados novos tipos de mobiliário com uma abordagem mais tradicional, a das salas fechadas. Porém, de diversas formas, isso refletiu em uma linguagem hierárquica, uma vez que as variações de tamanho seguem tipicamente o padrão de trabalho.

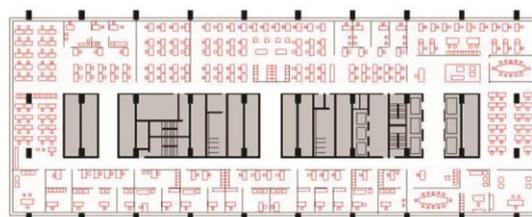
No início dos anos 90 muitas, empresas davam ênfase a espaços com menos hierarquia, focada na interação e na comunicação, localizando seus profissionais em uma mesma área, em planta livre. Infelizmente, a maioria das companhias que usavam espaços abertos e mais concentrados com essa intenção, ou então permitiam que seus empregados utilizassem escritórios alternativos, estavam meramente interessadas na contenção de gastos.



Wainwright Building, St. Louis
Louis Sullivan, 1890-91



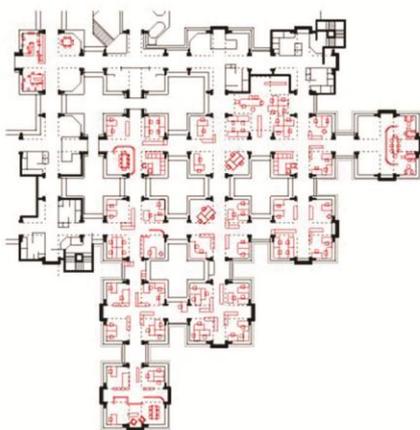
Larkin Administration Building, Buffalo - New York
Frank Lloyd Wright, 1903-05,



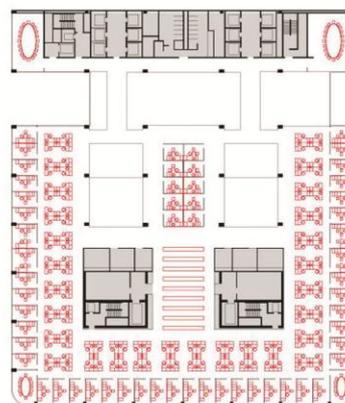
Chase-Manhattan Bank, New York
Skidmore Owings and Merrill, 1961



Osram Offices, Bürolandschaft layout



Centraal Beheer, Apeldoorn
Herman Hertzberger, 1970-73



Citibank Headquarters - Canary Wharf,
Foster and Partners, 1996-2000,

FIGURA 1 - Exemplos de tipologias de escritórios
FONTE: CARUSO ST. JOHN ARCHITECTS

3. ESCRITÓRIO COWORKING

3.1 PANORAMA GERAL

A dependência do escritório como lugar, vem claramente diminuindo com o passar dos anos. O avanço da telefonia e da computação são fatores que contribuem para esse fenômeno, além, obviamente, da crescente facilidade de acesso à internet. Hoje em dia, qualquer pessoa com um laptop e conexão com a internet pode trabalhar em qualquer lugar.

Para muitos trabalhadores independentes ou para pequenas empresas e organizações, lugares como mesas de cafés, livrarias ou outros locais públicos, são identificados, muitas vezes, como locais de trabalho, além de salas comerciais alugadas e suas próprias residências.

De acordo com Marmot e Eley (2000), organizações encorajam suas equipes a trabalhar em casa durante parte de sua jornada de trabalho, com o objetivo de reduzir a poluição, o congestionamento e gastos de energia, causados pelo grande número de pessoas que precisam, diariamente, se deslocar de um edifício a outro. Além disso, existe um interesse econômico da própria organização que estimula seus funcionários a tal prática, uma vez que diminuirá o consumo de energia, materiais e recursos por parte de seus funcionários no período em que esses permanecerem fora do local de trabalho.

DeGuzman e Tang observam que uma empresa pode economizar, por permitir que seus funcionários qualificados trabalhem de suas casas, mais de 10 mil dólares por ano por empregado e acrescentam que: “A *Telework Research Network* calcula que *telecommuting*² pode salvar tanto quanto 650 bilhões de dólares durante um ano completo.” (DEGUZMAN; TANG, 2011, p. 13). (tradução nossa).

² Termo utilizado para definir a forma de trabalho onde o trabalhador é autorizado, pela empresa onde trabalha, a trabalhar em outro lugar que não no edifício da empresa, conectando-se a essa através da internet.

Porém, não são todas as pessoas que possuem, em suas residências, um local em que possam trabalhar, ou ainda um ambiente próprio para o trabalho. Somadas às distrações que ficam a cargo do autocontrole pessoal, televisão e afazeres domésticos, por exemplo, ainda existem outros tipos de interferência, como o telefone residencial, os demais residentes ou, até mesmo, o carteiro. Além disso, os ambientes domésticos se confundem com o ambiente de trabalho, sendo este último, geralmente, pequeno e restrito.

De acordo com estudos realizados pela *American Express and British Telecom* (2008 apud DEGUZMAN; TANG, 2011, p. 18) ao mesmo tempo em que trabalhar fora do ambiente de trabalho pode aumentar de 30 a 40% a produtividade, essa pode diminuir se a comunicação com presença física entre pessoas não existir.

De acordo com Handy:

“A nova forma de trabalho vai se fixar em torno de pequenas organizações [...] com um pequeno núcleo de pessoas-chaves e uma coleção de trabalhadores freelancers em torno do núcleo [...]. Eles estão bem adequados aos trabalhadores freelancers, os quais custam muito menos se a empresa não tem que hospedá-los.” (Handy 1994 apud MARMOT; ELEY, 2000, p. 25, tradução nossa).

Marmot e Eley (2000) fazem uma importante reflexão quanto ao tempo de uso de um escritório por uma pessoa. Se alguém permanecer toda a jornada de trabalho em seu escritório, quando não estão em férias, cursos ou treinamentos, usarão seu espaço de trabalho apenas 75 a 85% dos dias de trabalho. Pessoas que tem atividades adicionais fora de seus escritórios, como reuniões, encontro com clientes ou viagens de trabalho, entre demais atividades, podem chegar a ocupar seus escritórios apenas de 10 a 20% dos dias de trabalho.

Esse último panorama aponta o quão oneroso seria a infraestrutura de um escritório para trabalhadores independentes, pequenas empresas e organizações, ao mesmo tempo em que os demais espaços alternativos não seriam adequados às atividades de trabalho. Como apontado anteriormente, tais locais não supririam as necessidades de conforto e atenção que o trabalho exige,

sem contar a possível falta de algumas facilidades tais como: impressora; fax e telefone fixo comercial.

Quando da data de publicação de seu livro, Marmot e Eley já apontavam indícios de uma nova organização na forma de trabalho, conseqüentemente, a nova tipologia de edifícios de escritórios:

“O conceito que atrai a mídia é o de clube, um local onde as pessoas podem não apenas ir para reuniões ou para convívio entre a equipe de trabalho, mas também para o importante benefício da fortuinidade do encontro inesperado e da troca de ideias aparentemente não relacionadas. Você é um membro, [...] está lá por escolha, por que aquilo atente às suas necessidades.” (MARMOT; ELEY, 2000, p. 42) (tradução nossa).



FIGURA 2 - Escritório da empresa Google em Zurich
FONTE: DESIGN YOUR WAY

Esse, até então novo, conceito de escritório foi adotado mais tarde por grandes empresas, tais como Google, Facebook, Skype, Pixar, entre outros. O

conceito de clube foi assumido em caráter estético e funcional – a empresa possibilita, através de mobiliário e espaços adequados, que seus funcionários exerçam atividades recreativas com o objetivo de melhorar sua capacidade criativa, ao mesmo tempo em que proporciona uma sensação de liberdade que, por sua vez, torna os empregados mais satisfeitos com seu trabalho e por consequência, mais produtivos.

Segundo DeGuzman e Tang, funcionários da Google têm “licença criativa” para dedicar 20% do seu tempo de trabalho a projetos pessoais e foi durante esse tempo de folga que muitos produtos da Google foram idealizados, tais como o Gmail e o Google News.

A troca de ideias de forma mais natural e espontânea, prevista por Marmot e Eley, acontece uma vez que essa liberdade individual é conferida aos funcionários. Tanto a liberdade de escolha, que em alguns casos a empresa confia aos empregados, quanto a escolha de seu lugar de trabalho bem como sua personalização, também contribuem para o bem estar desses e, novamente, para a maior produtividade.

Fica claro que toda essa liberdade gerada por diversos fatores, tem como seu maior objetivo a melhor produtividade da empresa como um todo. Ainda assim, essa nova forma de trabalhar atingia apenas os funcionários de grandes empresas, deixando de fora os profissionais autônomos e pequenas organizações.

Trabalhadores independentes, geralmente amigos ou colegas de trabalho que trabalham num mesmo projeto, já adotavam a prática de encontros informais para tratar de assuntos relacionados ao trabalho. Esses encontros eram promovidos muitas vezes em locais públicos, pequenas salas alugadas ou na residência de um dos envolvidos. Esse tipo de ambiente criado quando outras pessoas criativas se juntam pra trabalhar num mesmo espaço aumenta a produtividade de cada pessoa separadamente, e foi ai que o escritório *coworking* como se conhece agora nasceu, da vontade de trabalhar sozinho, porém junto com outras pessoas.

Foi a partir desse cenário que surgiu o escritório *coworking* Inicialmente

idealizado por aqueles que buscavam a redução de custos – que seria resultante da divisão de equipamentos e espaços – e, mais que isso, pelos que buscavam a colaboração entre diferentes profissionais e áreas. (DEGUZMAN; TANG, 2011)

3.2 CONCEITO COWORKING

Segundo DeGuzman e Tang (2011), o termo “*coworking*” surgiu por volta de 2005, quando Brad Neuberg decidiu que precisava ao mesmo tempo da estrutura e comunidade de trabalhar em um escritório e da liberdade e independência de um *free-lancer*. Seu primeiro *coworking* cooperativo foi o *Spiral Muse Coworking Group*, em São Francisco – CA, e em janeiro de 2007 o *Hat Factory* abriu as portas para o público.

A partir de então, *coworking* vem admitindo múltiplas definições, onde cada pessoa o define a sua maneira.

De acordo com Cashman (2009), em artigo publicado para a revista on-line Deskmag, *coworking* pode ser definido amplamente por princípios como comunidade, colaboração e espaço de trabalho. A combinação desses e a ênfase em cada um variam de acordo com o lugar e até mesmo entre pessoas de uma mesma comunidade.

Segundo Kwiatkowski e Buczynski (2011), *coworking* acontece toda vez que pessoas com os mesmos valores se unem com a intenção de trabalhar juntas para o benefício da comunidade. *Coworking* é colaboração, comunidade e divisão de ideias.

Huwart, Dichter e Vanrie citam que “O principio do *coworking* é muito simples: trabalhadores autônomos se reunindo no mesmo espaço pra trabalhar nos seus próprios projetos... juntos.” [sic] (HUWART; DICHTER; VANRIE, 2012, p. s.n.).

Não há, portanto, uma definição exata do que é *coworking*, e seu conceito ainda está em processo de maturação, mas em geral se refere ao encontro e dinâmica de um grupo de pessoas, que não necessariamente trabalham na mesma empresa ou num mesmo projeto e que compartilham um mesmo espaço de trabalho e suas facilidades tais como impressora, copiadora, internet, máquina de café entre outros equipamentos e espaços.

Assim como toda comunidade tem diferentes culturas, cada espaço *coworking* tem características diferentes, embora, em sua grande maioria, compartilhem o mesmo objetivo: colaboração.

De acordo com Foertsch (*The members...* 2012), alguns centros comerciais tentam atrair o público dizendo oferecer “*coworking*” como parte dos serviços prestados, erroneamente.

Segundo DeGuzman e Tang, o que diferencia o *coworking* de outro escritório compartilhado é o foco na colaboração e na construção de uma comunidade e, muitas vezes, em outros valores tais como sustentabilidade e acessibilidade. Isso é o que torna o *coworking* tão importante e atrativo – proporcionar experiências de aprendizado diariamente.

Um dos fatores importantes na maioria desses escritórios é a acessibilidade. O local deve ser acessível monetariamente e fisicamente. O acesso ao escritório durante todos os dias da semana também é de bastante importância. Como o escritório também atende as pessoas que trabalham no sistema de *telecommuting*, ele deve ser atraente para essas organizações que querem economizar e dar outras opções aos seus empregados.

Foertsch (*Advantages...* 2012), explica que os usuários tendem a procurar espaços que se localizem próximos as suas residências, assim, diminuindo o estresse causado pelo deslocamento diário.

Por trabalharem em locais próximos as suas residências, e também como modo de apoio a sustentabilidade, os *coworkers* são incentivados a usar a bicicleta como meio de transporte alternativo, para poupar gasolina e ajudar na preservação do meio ambiente. Pelo mesmo motivo, são encorajados também a usar materiais recicláveis ou reutilizáveis. Não são apenas essas ações que tornam o escritório sustentável, mas o simples fato isolado de dividir o espaço de trabalho com um número maior de pessoas já pode ser considerado um fator de sustentabilidade, uma vez que, segundo Jeff Shiau (Aput DEGUZMAN; TANG, 2011, pg. 26), em grandes corporações, uma pessoa pode utilizar sozinha 400 m².

Como revelado pelo estudo de Huwart e Szkuta (2010), a maioria dos espaços tem mais membros do que mesas. Ainda assim, o estudo mostra que a frequência de utilização das mesas é de 50%. Isso ocorre, pois a maioria dos membros não trabalha 24 horas por dia.

Outra característica desses escritórios são os espaços abertos, que dá suporte ao conceito de que todos podem se beneficiar quando ideias são compartilhadas livremente, assim, encorajando discussões.



FIGURA 3 - Escritório coworking Gangplank
FONTE: GANGPLANK

Deguzman e Tang (2011) citam que essa transparência pode espantar algumas pessoas, especialmente as que se preocupam em expor segredos comerciais, mesmo assim, seus fundadores acreditam que haja mais vantagens em compartilhar informações do que desvantagens. E não só informações relacionadas ao trabalho são compartilhadas como também muitos escritórios

usam seus espaços como terreno neutro para criar encontros e reuniões com tópicos que podem ter o interesse de todos.



**FIGURA 4 - Reunião no espaço do escritório coworking Indy Hall
FONTE: INDY HALL**

De acordo com Foertsch (*Advantages..* 2012), em artigo publicado para a revista digital Deskmag ao saírem dos escritórios tradicionais, os *coworkers* relatam uma melhora na autoconfiança, promovida, provavelmente, pela flexibilidade dos espaços e por estarem envolvidos em uma comunidade em que os membros entram voluntariamente (e não obrigatoriamente como acontecem nos demais escritórios). Quanto aos membros que trabalhavam antes em suas residências, a melhora na produtividade aumenta consideravelmente uma vez que esses se sentem menos isolados.

Muitos escritórios *coworking* têm eventos sociais regularmente para que seus membros se conheçam melhor. Esses eventos podem variar de almoços organizados no escritório, com determinada temática, até *happy hours* ou

encontros patrocinados com a finalidade de conhecer outros escritórios locais sem esforço adicional.

Projetos geridos por grupos de pessoas são geralmente bem sucedidos não por causa de uma única pessoa com ideias brilhantes, mas sim por quão bem um grupo atua como um todo e é atrás desse ideal que os espaços *coworking* são planejados. Essas interações causadas por esses espaços têm um objetivo maior que é a criação de uma comunidade – a característica mais importante desses espaços. São relatados inúmeros exemplos de colaboração entre os membros nos *sites* de cada escritório como forma de propagandear esses espaços.

Porém, não são todas as pessoas que têm perfil para participar desse tipo de ambiente de trabalho. Esses espaços se adaptam mais às pessoas que não necessitam mais do que uma mesa e conexão com a internet para seu trabalho.

Ao mesmo tempo em que o escritório proporciona tais incentivos a melhor produtividade profissional e colaboração entre profissionais, as pessoas envolvidas tem que estar de acordo com o conceito de troca de conhecimento e informação, elas têm que estar abertas a essa nova forma de trabalho. O sucesso dessa tipologia de escritórios depende do entendimento claro dos usuários quanto aos seus objetivos e é improvável que se torne popular para todos.

3.3 O PERFIL DO COWORKER

De acordo com Huwart, Dichter e Vanrie (2012), o perfil do *coworker* varia muito de espaço para espaço, mas em geral são profissionais da web, *free-lancers*, designers, jornalistas e redatores. Com o avanço e crescimento desses espaços arquitetos, contadores, engenheiros e advogados também estão presentes dentre os usuários.

Foertsch (2011) em uma pesquisa para a revista digital *Deskmag*, levantou que, até a data da pesquisa (13 de janeiro de 2011), a média de idade do *coworker* era de 34 anos. Pouco mais da metade dos usuários (54%) é trabalhador *free-lancer* e 80% do total dos usuários começaram suas carreiras com ensino superior. Outra estatística bastante importante, levantada na mesma pesquisa, mostra que 3/4 dos usuários trabalham perto de onde moram e 50% moram num raio de apenas cinco quilômetros.

Um ano depois, Foertsch (*The members...* 2012) publicou uma segunda pesquisa em que apontava que a idade média entre os *coworkers* continuava a ser 34 anos, porém, enquanto a primeira pesquisa mostrava uma faixa etária variando entre os vinte e poucos anos até os trinta e tantos, a segunda pesquisa mostra uma faixa mais abrangente de idade onde uma a cada doze pessoas tem mais de 50 anos. Esse segundo estudo também mostra que os usuários continuam morando próximo aos escritórios e que a porcentagem de pessoas com nível superior como qualificação mínima continua alta.

Alguns fatores podem ser considerados ruins dentro do *coworkings* como a pouca privacidade, as distrações e o alto grau de sociabilidade. Pessoas que necessitam constantemente de um alto grau de concentração para concluir suas atividades não são as mais indicadas para essa tipologia de espaço de trabalho, ainda que essas não se distraiam facilmente, pois podem ser interrompidas a qualquer momento por outros usuários do escritório. Para essas pessoas o isolamento funciona melhor (quando se tratando de rentabilidade) do que a interação com demais profissionais. O mesmo se aplica as pessoas que se

distraem facilmente. Atividades conflitantes, como por exemplo, pessoas conversando próximo ao local onde outra pessoa necessita de concentração, ou ainda o fluxo de pessoas pelo espaço do escritório, pode afetar a produtividade e aumentar o nível de estresse. (DEGUZMAN; TANG, 2011).

Muito provavelmente é por essas características que grande parte dos usuários utiliza outros locais além do escritório *coworking*.

Apenas um quarto dos trabalhadores *coworking* utilizam uma mesa permanente, mesmo assim, 90% do total utilizam outros espaços fora dos escritórios *coworking*. Ou seja, mesmo o membro que paga pelo tempo integral de trabalho utiliza outros locais para trabalhar, sendo suas casas a opção mais frequente entre os usuários. (FOERTSCH, *The members...* 2012)

Esses profissionais são atraídos pela energia gerada quando se está em contato com outras pessoas, pelo entretenimento da interação. Também são atraídos pela possibilidade de melhorar e/ou aumentar sua rede de influencia.

Segundo David Moffit³ (apud DEGUZMAN; TANG, 2011), a maioria dos usuários se tornou membro testando o espaço uma vez e desde então permaneceram no local.

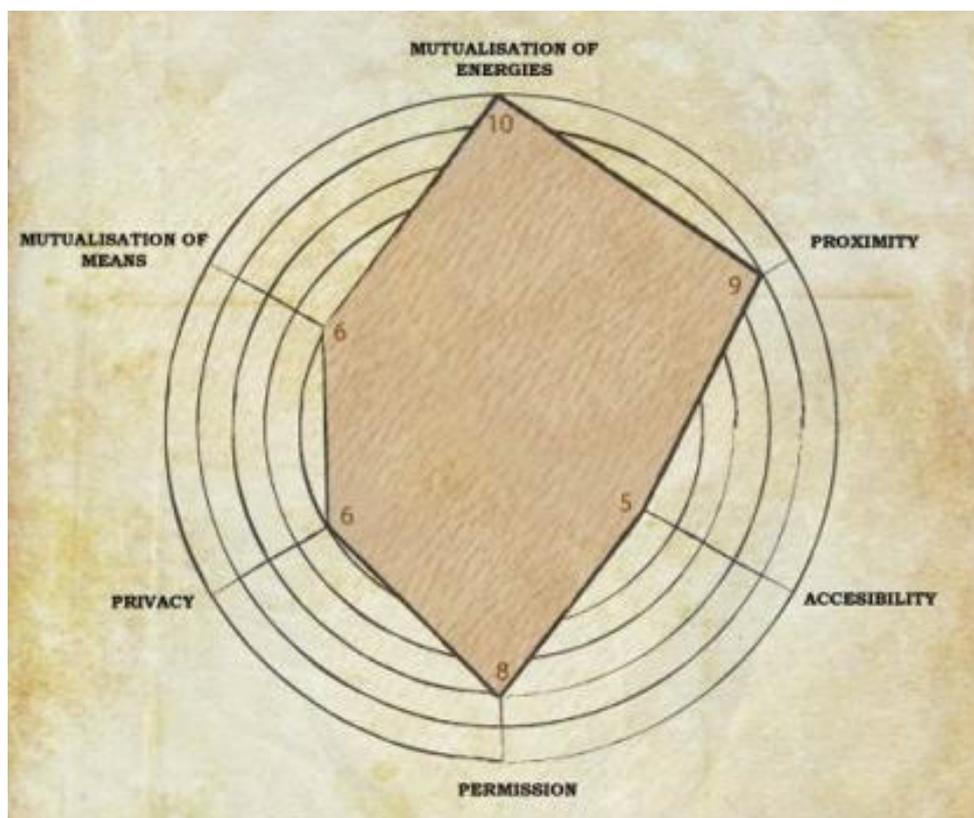
É com essa estatística que a maioria dos escritórios *coworking* oferece a possibilidade de testar o espaço por um dia.

Como citado anteriormente, diferentes escritórios têm diferentes culturas e cabe a cada usuário se identificar, ou não, com a proposta do escritório em que trabalha. Assim, nem todos os escritórios *coworking* são indicados para todos os *coworkers*.

³ David Moffitt: Fundador do escritório *Coworking Rochester*.

3.4 A TIPOLOGIA DO ESCRITÓRIO COWORKING

Broek⁴ (2012) após uma pesquisa sobre os espaços *coworking*, chegou ao resultado de seis elementos que compõem o espaço: acessibilidade, meios compartilhados, energia compartilhada, proximidade, permissão e privacidade.



**FIGURA 5 - Gráfico – elementos *coworking* e seu grau de necessidade.
FONTE: BROEK, 2012**

A privacidade citada por Broek pode parecer estranha, uma vez que DeGuzman e Tang apontaram a falta de privacidade como um fator negativo dentro dos escritórios *coworking*. Porém Broek (2012) explica que é preciso achar um balanço; é necessário que haja alguns espaços onde se possa ter privacidade ao mesmo tempo em que muita privacidade pode inibir o contato entre as pessoas. *Lokers*, ambientes seguros e segurança financeira fazem parte da privacidade sugerida por Broek.

⁴ Co-fundador do espaço *coworking* *Mutinerie Libres ensemble*, em Paris, inaugurado em 2010

A acessibilidade, já abordada anteriormente, é um fator muito importante, se não decisivo, nos escritórios *coworking*. Para o edifício na escala do município, acessibilidade implica em: estar localizado próximo a cafés, transporte público, vias de acesso para diferente meios de transporte, praças e locais de lazer; para a escala do edifício, esse deve ser visível, possuir uma recepção, os ambientes devem ser abertos, acolhedores, atrativos e ter bastante visibilidade. (BROEK, 2012)

Fayard e Weeks (2011) abordam a acessibilidade como permissão. Quando esses escritórios ficam abertos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, ou seja, dá-se permissão para o uso informal do escritório fora do horário tradicional de trabalho, os usuários podem ter mais contato e interagir melhor.

Quanto aos meios compartilhados, quanto mais equipamentos, melhor – desde que estes não encareçam o custo para os membros. Tais meios são: locais como salas de reunião equipadas para teleconferência; áreas separadas onde se possam fazer atividades com ruídos mais elevados; demais equipamentos como telefone, copiadora, impressora (em alguns casos impressora 3D). (BROEK, 2012)

Um bom espaço *coworking* não oferece apenas cafés e rede *wi-fi*, mas também organiza eventos para unir as pessoas. Como visto anteriormente, alguns administradores geralmente organizam almoços, encontros e eventos no escritório, o que demanda espaços diferentes do espaço principal das mesas de trabalho. Alguns escritórios menores utilizam o mesmo espaço para realizar essas atividades, o que faz com que se reduza a possibilidade de horários para esses eventos.

Alguns desses eventos são exclusivos aos membros, outros são abertos ao público. Do mesmo modo, alguns são pagos e outros são gratuitos. Dessa forma, o espaço limita o número de espectadores ou participantes e o lucro, quando o evento for pago.

Segundo DeGuzman e Tang (2011), as atividades mais intensas, às vezes ocupando um dia inteiro ou dois, são os seminários e os *workshops*.

Esse último cenário aponta a necessidade de espaços separados do espaço de trabalho, como salas de reunião e pequenos auditórios. Muitos escritórios têm esses espaços à disposição dos usuários, de acordo com cada contrato, e a disposição para aluguel, tanto para membros quanto para terceiros.

A proximidade citada por Broek representa a casualidade proposta pelos espaços *coworking*. Segundo ele “[...] isso pode ser atingido incluindo áreas de fricção no ambiente: colocando máquinas de café perto de impressoras, organizando festas casualmente, permitindo que eventos espontâneos aconteçam”. (BROEK, 2012)

A segunda Pesquisa Coworking Global (*The 2nd Global Coworking Survey*) aponta que é maior a probabilidade de fazer conexões com outras pessoas em locais pequenos (quinze mesas ou menos) ou grandes (60 mesas ou mais), mas essa probabilidade diminui em espaços intermediários. (FOERTSCH, *The 2nd... 2012*)

Em um primeiro momento, esses escritórios eram formados apenas por um grande salão onde as mesas de trabalho e demais mobiliários permaneciam, além dos sanitários. Segundo Egan (2013), hoje em dia, muitos escritórios optam por oferecer mais alternativas de ambientes de trabalho. Assim, criam diversos espaços para que os membros escolham qual se enquadra melhor em cada ocasião. Contudo, os escritórios se preocupam para que estes espaços continuem sendo fluidos e integrados, sem perder o objetivo principal do escritório *coworking*.

Além dos diferentes ambientes gerados num mesmo espaço, alguns escritórios apresentam mais opções de espaços de eventos e reuniões para locação, assim, podem ofertar esses espaços para outros profissionais além dos membros do escritório.

4. ANÁLISES DE ESCRITÓRIOS ATUAIS

De acordo com Huwart, Dichter e Varie (2012), a diversidade dos espaços de trabalho entre os *coworkings* é bastante considerável. Variam de pequenos a enormes, totalmente novos a alguns já maduros, com espaços públicos a totalmente privados.

Esses espaços são claramente criados para receber outras atividades além da atividade de trabalho encontrado em edifícios de escritórios tradicionais. Seu objetivo é sair dos padrões existentes e criar um ambiente adequado para a interação profissional e social, possibilitando encontros inesperados – ou esperados, uma vez que quem se torna membro o faz para esse fim – e estabelecer ali uma comunidade.

Durante este estudo, não foram localizados publicações na área de arquitetura a respeito desses espaços, assim torna-se importante a observação de alguns escritórios existentes a fim de identificar neles padrões e propostas, para auxiliar, mais tarde, na elaboração do programa do projeto que será elaborado na segunda etapa deste trabalho.

Posteriormente, no capítulo 7 (sete) deste mesmo trabalho, será feita uma análise de escritórios *coworking* existentes em Curitiba, a fim de interpretar os padrões existentes na região e melhor localizar o futuro projeto.

4.1 HUB MADRI

A maior rede de escritórios *coworking*, Hub, fundada em 2005, em Londres, tem mais de 5 (cinco) mil membros e possui diversas sedes distribuídas em 5 (cinco) continentes.(HUB)

Um de seus escritórios, localizado em Madri, tem 230 membros, possui uma sala de eventos, copa, biblioteca, espaço para armários além dos locais de trabalho (incluindo espaços de reunião) distribuídos em um grande salão e um mezanino. Seu interior foi concebido pelo escritório de arquitetura *ch+qs arquitectos*, em 2009.



FIGURA 6 - HUB Madri - Armários e Biblioteca
FONTE: ARCHDAILY

Ambos os ambientes, dos armários e da biblioteca (FIGURA 6), são abertos ao corredor de acesso principal, porém, possuem um grau de privacidade maior do que os espaços de trabalho. A separação dos ambientes pelo mobiliário e a divisão da biblioteca com a copa por uma parede, confere aos espaços um ambiente mais reservado, distante do salão principal de trabalho, onde a maioria das pessoas se concentra.



FIGURA 7 - HUB Madri - Salão principal
FONTE: ARCHDAILY

O salão principal acolhe os trabalhadores *coworking* em diferentes ambientes, possui iluminação zenital e um pequeno mezanino, no qual são distribuídas mesas menores onde grupos de discussão reduzidos podem se estabelecer com um pouco mais de privacidade. Logo abaixo do mezanino estão localizadas as salas de reuniões fechadas, separadas do salão principal apenas por vidro, conferindo assim a integração proposta pelo escritório. Na figura 7, podemos observar a copa, separada do salão principal, com acesso pelo corredor de entrada.

Um dos poucos ambientes fechados, fisicamente e visualmente, é a sala de eventos, que se separa do corredor de acesso por um vidro jateado, o qual não permite total visibilidade entre os ambientes. (FIGURA 8)



FIGURA 8 - HUB Madri - sala de eventos
FONTE: ARCHDAILY

4.2 MULTINERIE

Alguns escritórios são menores, ou possuem apenas uma localização, como é o caso do escritório *Mutinerie Libres Ensemble*, localizado em Paris próximo ao *Parc des Buttes Chaumont*, a noroeste da cidade.



FIGURA 9 - MUTINERIE - Planta térreo
FONTE: MUTINERIE

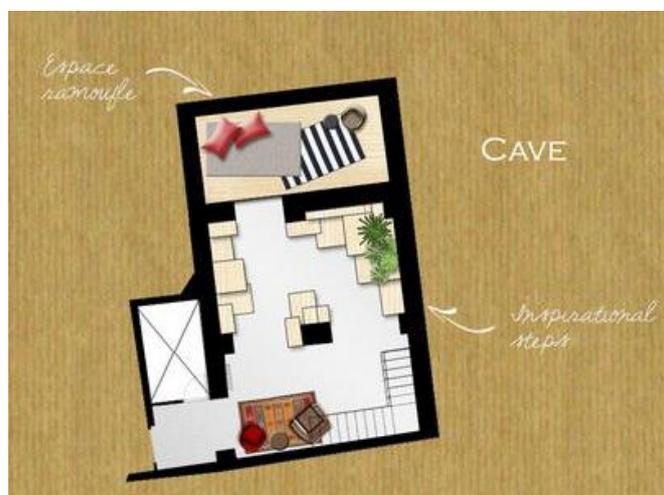


FIGURA 10 - MUTINERIE - Planta subsolo
FONTE: MUTINERIE

Fundado em 2010, seus criadores⁵ utilizaram materiais reciclados para decorar e mobiliar os ambientes. Segundo eles “a presença desses nos faz lembrar que nós podemos pensar diferente, é um encorajamento a alguma forma de transgressão” (MUTINERIE, tradução nossa)



**FIGURA 11 - MUTINERIE – Degraus de inspiração, subsolo.
FONTE: MUTINERIE**

O espaço da Mutinerie é reduzido se comparado ao espaço do Hub de Madri, porém também oferece uma grande variedade de ambientes aos usuários. Os espaços são divididos, segundo a denominação apresentada no *site*⁶, como: café (FIGURA 12 FIGURA 12), garagem, jardim (FIGURA 13), livraria, área dos residentes, sala de reunião, cabine telefônica e banheiros além do espaço dos degraus de inspiração (

FIGURA 11) e da sala de camuflagem, localizados no subsolo (FIGURA 10).

⁵ Anthony, William, Eric e Xavier. Três irmãos e um amigo de infância, fundadores da *Mutinerie Libres Ensemble*.

⁶ Os nomes dos ambientes foram retirados do site oficial do escritório coworking Mutinerie e não necessariamente seguem as características populares dos ambientes citados. Disponível em: <www.mutinerie.org/l-espace-de-coworking-paris-de-mutinerie>



FIGURA 12 - MUTINERIE - Café
FONTE: MUTINERIE



FIGURA 13 - MUTINERIE – jardim
FONTE: MUTINERIE

4.3 LA CANTINE

O escritório *La Cantine*, fundado em janeiro de 2008, é o primeiro espaço *coworking* de Paris. Localizado a menos de 2 km do museu do Louvre, tem como recepção um café com acesso ao público. Junto ao café encontra-se um espaço *coworking*, que abriga 14 pessoas com conexão a internet, uma sala de reuniões para 10 pessoas, e um *lounge*. (LA CANTINE)

Muito menor do que a maioria dos espaços *coworking*, o *La Cantine* oferece um espaço de trabalho a qualquer um que se interessar, mesmo que por algumas horas ou um único dia. Porém, pelo seu tamanho reduzido, as vagas disponíveis são ocupadas rapidamente através de reserva, além disso, seu horário de funcionamento é reduzido (das 9h às 19h) e muitas vezes interrompido por outros eventos que acontecem no mesmo local.

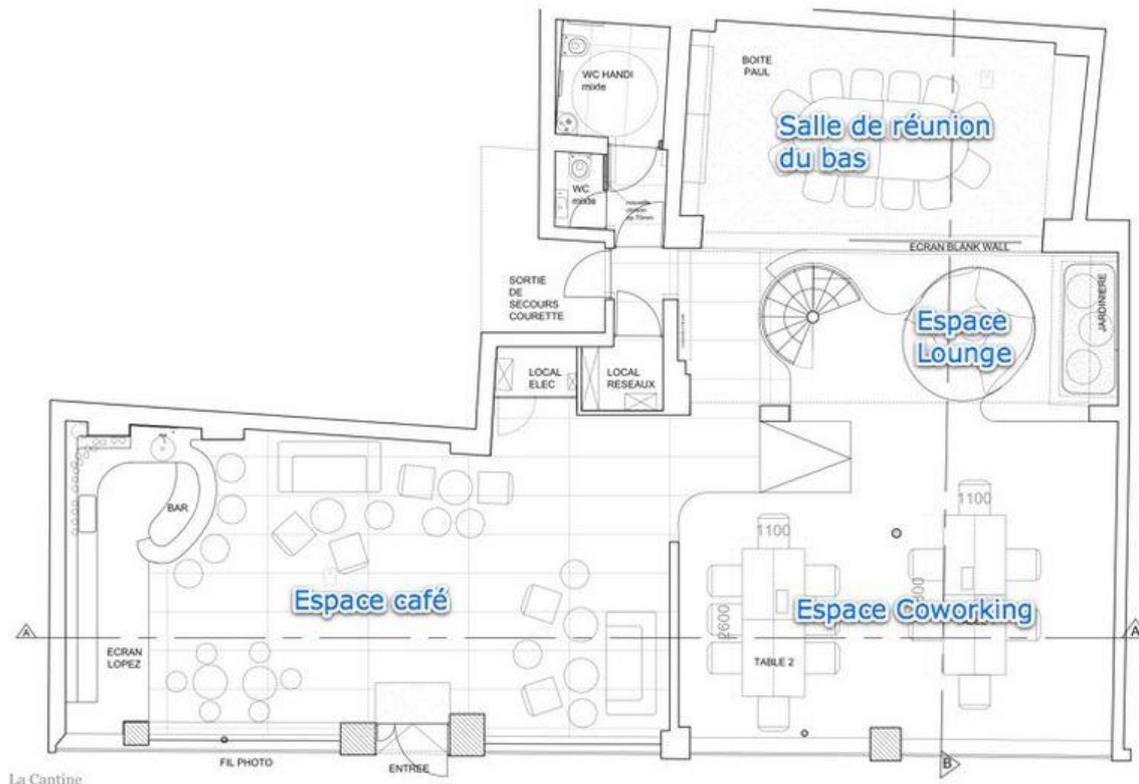


FIGURA 14 - Planta *La Cantine*
 FONTE: LA CANTINE

4.4 INDY HALL

Esse escritório, de abordagem descontraída, foi fundado em 2006 na Philadelphia, Pensilvânia. Como na maioria dos escritórios, os contratos de utilização são feitos de mês a mês, sem burocracia; o usuário escolher uma das opções de pacote, paga e usa.



FIGURA 15 - Indy Hall - mesa de trabalho e longe
FONTE: INDY HALL

A grande maioria dos escritórios *coworking* opta por proporcionar ambientes mais descontraídos, assim o usuário sente-se mais a vontade para intervir e participar ativamente do espaço construído.

Na planta do térreo (FIGURA 16), há indicada uma área como “The Future” (O futuro), Não por coincidência, a pesquisa promovida pela revista digital Deskmag apontou que de cada três espaços *coworking*, dois pretendiam expandir em 2012. Especificamente, 36% pretendem abrir outros escritórios em uma nova localização, 10% planejam uma mudança para um espaço maior, 27% pretendem adicionar mesas no espaço atual e apenas outros 27% não têm planos de expansão. (FOERTSCH, *The 2nd... 2012*)

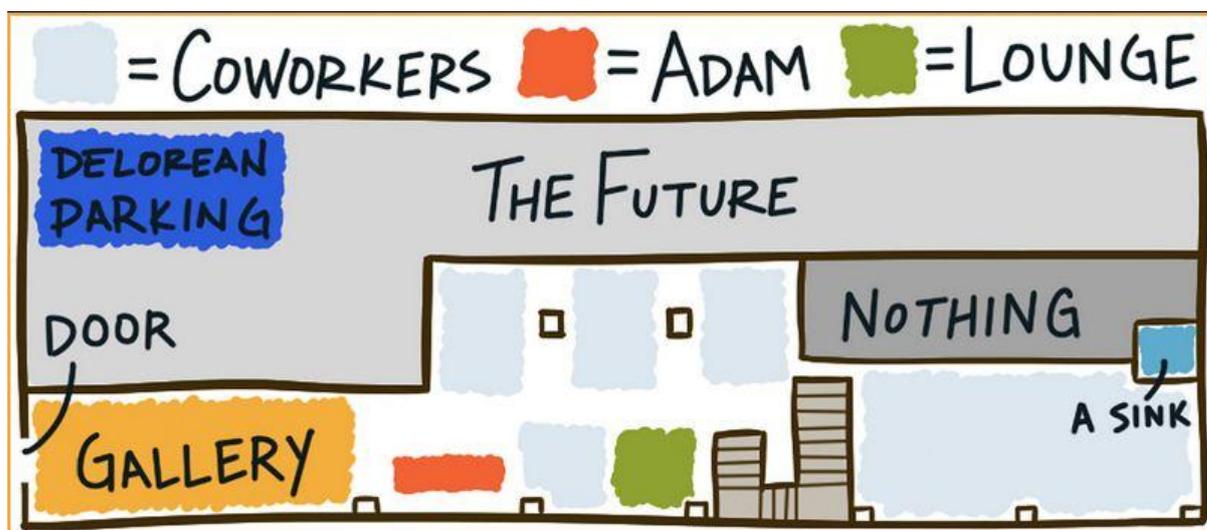


FIGURA 16 - Indy Hall - Planta térreo
 FONTE: INDY HALL

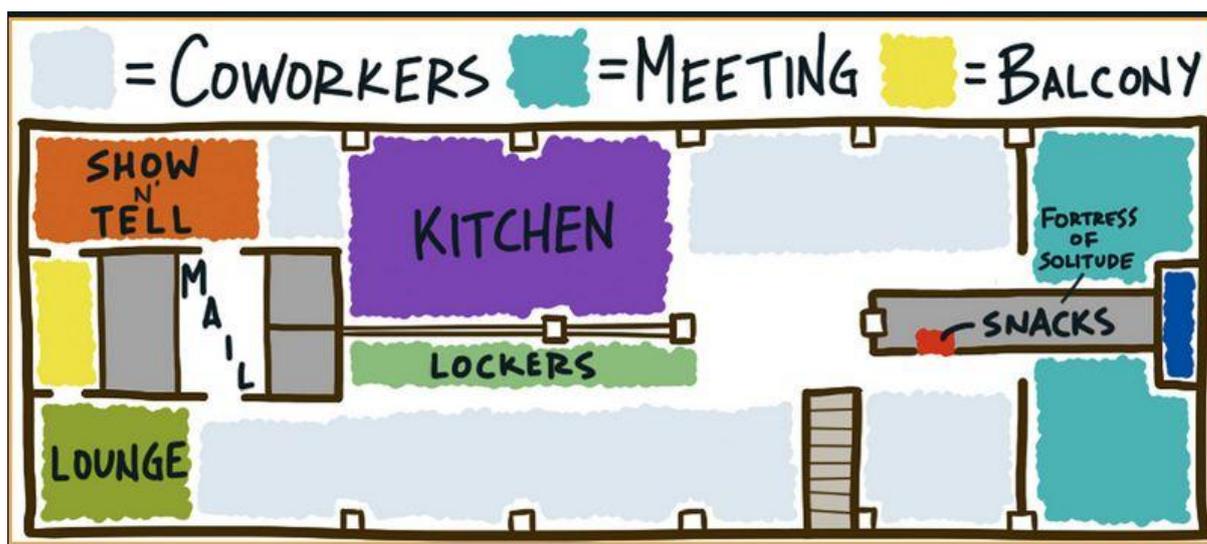


FIGURA 17 - Indy Hall - Planta 2º pavimento
 FONTE: INDY HALL



FIGURA 18 - Indy Hall - Almoço promovido pelo escritório
FONTE: INDY HALL

Geralmente funciona em horário comercial e promove toda quarta feira o *Night Owls*, dia em que o escritório fica aberto até mais tarde, para eventos entre os usuários.

Por ser um escritório mais antigo, o nível de intervenção feito é mais evidente e em maior número. A apropriação do usuário é bastante evidente, desde quadros e vasos de planta ao mobiliário.

Embora, segundo Foertsch (2012, *The 2nd...*), essa interatividade entre usuário e espaço seja proporcional à idade do escritório – ou seja, quanto mais tempo de uso maiores e mais constantes as intervenções no espaço – o primeiro escritório analisado, o Hub de Madri, mesmo sendo mais antigo do que o Indy Hall apresenta atualmente menor grau de intervenção. Isso demonstra que não só a idade do escritório, mas outros fatores, como o próprio espaço e talvez a administração, também possam ter influencia sobre esse aspecto.

5. PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

A maior justificativa dos escritórios *coworking* é promover um **espaço** que permita a maior interação entre as pessoas, através de encontros casuais e espontâneos, originando assim uma comunidade – objetivo principal desta recente tipologia de escritórios – ao mesmo tempo em que pretende conferir aos usuários maior independência, profissional e pessoal. Assim, torna-se necessário o estudo de como o espaço construído pode influenciar e contribuir para que essas interações ocorram da maneira desejada.

O espaço mais eficiente, nesse caso, é o que reúne as pessoas e remove as barreiras que impedem a interação entre elas, ao mesmo tempo em que providencia privacidade o suficiente para que essas não tenham interromper ou ser interrompidas. Se essas medidas forem balanceadas erroneamente, pode-se transformar um esforço em gerar a colaboração criativa em uma lição frustrante com consequências não intencionais.

Como visto anteriormente, o *coworking* defende a planta livre como forma de integração entre os usuários, e assim se produz a estrutura da grande maioria desses escritórios. Porém, não apenas a planta livre garante o sucesso da proposta do escritório.

Apesar da falta de privacidade que o *coworking* assume apresentar, existem algumas formas de tornar o espaço coletivo igualmente particular, ao menos psicologicamente.

A partir do momento que um profissional se estabelece em uma mesa ou sala, aquele espaço passa a ser temporariamente privado⁷ e assim deve ser entendido pelos outros profissionais que ali trabalham. A busca pela sensação de pertencimento vai sempre predominar sobre o indivíduo, indiferente de trabalhar em um escritório convencional ou no escritório *coworking*.

⁷ Segundo Hertzberger os termos “público” e “privado” interpretados como “coletivo” e “individual” respectivamente, resultou num clichê onde se coloca excessiva ênfase nos dois polos. Esses termos podem então ser compreendidos em termos relativos às qualidades espaciais, aos acessos e à responsabilidade.

Dessa forma o ambiente deve proporcionar oportunidade para que os usuários personalizem o espaço, assim fazendo com que estes se sintam mais pertencentes ao lugar e, portanto, mais envolvido com o ambiente.

De acordo com Hertzberger (2006), esse estímulo deve ser aplicado nos lugares adequados, isto é, dentro do espaço em que o grau de acesso e as demarcações territoriais dão margem a personalização. Da mesma forma, o arquiteto critica os espaços multifuncionais quando esses não conseguem alcançar o nível de pertencimento adequado para que os usuários contribuam com o ambiente e desenvolvam maior senso de responsabilidade para com ele.

Segundo Hall “As fronteiras dos territórios permanecem razoavelmente constantes, da mesma forma que a localização de atividades específicas no interior do território [...]. Portanto a territorialidade é relativamente fixa [...]”. (HALL, 2005, pg.129).

Dessa maneira não se deve sugerir ou presumir que os espaços destinados a reuniões e eventos sejam tratados da mesma forma que os destinados às estações de trabalho e pequenos ambientes de encontro e reuniões informais.

Quando tratamos de um edifício de escritório nos deparamos com duas situações, o usuário comum – que trabalha e pratica suas atividades ali periodicamente – e o usuário esporádico – que apenas visita o local como cliente ou com uma atividade de curta duração. Porém, existem espaços que são destinados a ambos e que devem ser tratados como tal. Dentro da escala do edifício podemos considerar o hall de entrada como o espaço de “intervalo” definido por Hertzberger. Esse espaço não será nem tão público que o usuário não se sinta tão responsável pelo espaço, nem tão privado que iniba o curioso a entrar.

Hertzberger (2006) explica os conceitos dos termos público e privado em diferentes graus e níveis. No escritório coworking essas questões vem à tona quando se propõem um espaço compartilhado por todas as pessoas que ali trabalham, portanto, à escala do edifício, público. E é esse aspecto público que permite que uma comunidade nasça e se estabeleça nesses locais.

Ainda assim, nem todos os espaços são acessíveis em tempo integral a todos que circulam no edifício. Os graus de acessibilidade podem ser expressos através da articulação dos elementos arquitetônicos que formam o espaço.

Hall (2005), afirma que a sensação que o ser humano tem a respeito de estar corretamente orientado no espaço é enraizada e está associado à sobrevivência e a sanidade. Assim é aconselhável levar em consideração os padrões pré-definidos das pessoas, os que são aprendidos durante a vida. Não se deve, então, pressupor que o indivíduo vá se comportar de uma maneira diferente da habitual apenas pelo que vê, mas sim vai trazer consigo esses padrões internalizados de conduta para determinados ambientes e situações.

Fayard e Weeks (2011), afirmam que o espaço pode, ou não, encorajar a interação entre as pessoas dependendo das condições físicas e sociais de três aspectos: proximidade, privacidade e permissão.

A proximidade que influencia as interações informais, diferente do que a maioria das pessoas pressupõe, não atua somente nos aspectos físicos do espaço, mas também nos padrões de tráfego que são formados tanto por fatores sociais quanto psicológicos. (FAYARD; WEEKS. 2011)

A privacidade torna-se, portanto, um fator importante no encorajamento a interações casuais, por ser um dos fatores psicológicos que influencia nos padrões de tráfego. Segundo Fayard e Weeks (2011), embora seja contraditório, pesquisas mostram que essas interações informais acontecem menos em lugares onde as pessoas não podem evitar interagir quando elas necessitam.

Da mesma forma, Hertzberger (2006) afirma que para que esses encontros espontâneos aconteçam, é essencial que o espaço tenha certa informalidade, permitindo aos envolvidos interromper o contato facilmente. Ainda segundo ele, é essa facilidade de interrupção que nos encoraja a prosseguir.

São, portanto, necessários diversos espaços criados para diferentes graus de interação pessoal. Segundo Hertzberger (2006), ao criar gradações de acesso, podemos subtender as diferenciações de conduta que aquele espaço necessita. Estes graus de acesso desejados irão fornecer padrões para o

projeto, assim como influenciar na escolha de materiais.

O espaço, então, deve guiar as pessoas aos locais compartilhados e encoraja-las a permanecer neles. Próximo às estações de trabalho, em lugar de bastante fluxo de pessoas, podem ser inseridos espaços convidativos, pequenas praças, onde a interação social é gerada em forma de reuniões informais; aqui um dos propósitos dessa tipologia de escritório é posto em prática – troca de conhecimentos e inter-relação pessoal e profissional.

De acordo com Fayard e Weeks (2011), os nichos, ou recantos, são suficientemente públicos para interações casuais, porém proporcionam privacidade suficiente para conversas confidenciais. Esses espaços também podem acolher facilmente conversas que foram iniciadas num espaço próximo mais aberto.

Hall (2005) identifica espaços de características fixas como aqueles que distinguem atividades fixas no ambiente. Para ele, um ponto importante acerca desses espaços é que eles moldam boa parte do comportamento.

Segundo Hertzberger:

“Não basta apenas deixar espaço para a interpretação pessoal, ou seja, deixar de projetar em um estágio inicial. Isso com certeza resultaria num maior grau de flexibilidade, mas a flexibilidade não contribui necessariamente para um melhor funcionamento das coisas (pois flexibilidade não pode jamais produzir os melhores resultados imagináveis para uma determinada situação). Enquanto não houver uma real expansão das escolhas oferecidas para as pessoas, o padrão estereotipado não desaparecerá, e esta expansão só pode ser alcançada se começarmos por tornar possível que todas as coisas à nossa volta desempenhem papéis variados, i.e., que assumam cores variadas e também permaneçam fiéis a si mesmas.” (HERTZBERGER, 2006, pg. 170).

A partir do momento em que as pessoas que frequentam o mesmo local não têm muita oportunidade de encontro e socialização, elas recorrem a

profissionais que conheceram em outra situação ou então indicados por terceiros. Isso cria uma necessidade de locomoção, quando, por outro lado, poderiam recorrer a profissionais vizinhos, poupando tempo e diminuindo o fluxo da cidade.

Observa-se então, que o arquiteto deve proporcionar aos usuários um local onde essa socialização possa acontecer de forma natural. Esse local deve respeitar a quantidade de pessoas que pode utilizá-lo, não sendo nem superdimensionado nem subdimensionado, para garantir sua eficácia.

Hertzberger (2006), afirma que o espaço separado constitui um fator decisivo: determinará se um espaço é adequado para um grande número de pessoas, por exemplo, ou para grupos pequenos separados.

Ainda de acordo com Hertzberger, deve-se dimensionar o espaço de acordo com a função dele. Essa dimensão vem da avaliação da distância e da proximidade exigida entre as pessoas para aquela atividade pretendida no local.

Com relação ao tamanho do espaço podemos considerar a pesquisa promovida por Foertsch publicada pela revista *Deskmag* que aponta que:

“Usuários de espaços menores são mais organizados e acham mais fácil relaxar em casa [...]. Mas quando considerando efeitos econômicos, espaços menores perdem suas vantagens. Usuários de espaços maiores reportam com mais frequência que estão mais produtivos desde que se tornaram coworkers” (FOERTSCH, *The 2nd Global*, 2012, tradução nossa).

O fato dos usuários de espaços menores se comunicarem em menor frequência do que os usuários de espaços maiores, pode estar ligado ao nível de privacidade do espaço. De uma maneira exagerada pode-se comparar a facilidade de iniciar uma conversa em espaços pequenos, como em um elevador, ou em espaços maiores, como em um estádio de futebol.

Hall (2005) faz uma importante análise a respeito do modo como as pessoas estão vivendo e trabalhando atualmente: “construtores e especuladores estão condicionando gente em caixas de arquivos verticais [...]. É então possível

entender que as pessoas estejam sendo constrangidas pelos espaços em que precisam morar e trabalhar” (HALL, 2005, pg. 159).

Hertzberger (2006), explica que a capacidade de “lugar” é a qualidade de parte do pavimento que não é utilizado como circulação. Um critério decisivo para a qualidade da planta é que o espaço seja organizado de tal forma que obtenha a máxima capacidade de lugar. Além disso, é necessário avaliar se o tamanho e o grau de abertura são correspondentes ao uso.

De forma geral, existem inúmeros aspectos que se relacionam o ambiente com o relacionamento humano. Boa parte dos escritórios *coworking* projeta seus espaços para que sejam flexíveis e acabam por dar menor importância aos aspectos citados anteriormente.

6. ESTUDOS DE CASO

6.1 CENTRAAL BEHEER HEAD OFFICE – HERMAN HERTZBERGER - HOLANDA

O escritório Centraal Beheer, é o primeiro dessa tipologia projetado pelo arquiteto Herman Hertzberger e o segundo institucional de sua carreira. O edifício está localizado em Apeldoorn, nos Países Baixos e foi construído entre 1968 e 1972⁸.

A obra apresenta características de sua primeira fase de atuação, caracterizada pelo uso de blocos de concreto com estrutura de concreto pré-moldada. A escolha por esses materiais implica na facilidade de execução e manutenção.



FIGURA 19 - Centraal Beheer – Vista aérea
FONTE: ARCHITECTUURSTUDIO

O edifício de escritórios foi projetado para ser o espaço de trabalho para 1000 (mil) pessoas. Sua forma consiste em sessenta torres, em formato de cubo, conectadas umas às outras conferindo ao edifício um formato bastante

⁸ Segundo cronologia divulgada no *site* oficial do arquiteto: www.ahh.nl.

interessante, menos rígido do que seus contemporâneos, com aspecto de uma vila; seus vários blocos se assemelham a um amontoado de pequenos edifícios, diluindo a construção no terreno.



FIGURA 20 - Centraal Beheer – Vista externa
FONTE: ARCHITECTUURSTUDIO

Não só sua aparência externa se assemelha a uma vila, como também seu interior. As passagens entre os blocos, essencialmente acessível ao público como uma galeria, e os diversos acessos distribuídos por todo o complexo conferem esse aspecto de vilarejo.

Esse edifício apresenta uma série de fatores muito relacionados ao porte do conjunto, como a distribuição do sistema de ar condicionado, a estrutura de organização dos blocos, seus aspectos técnico-construtivos, dentre outros. Nenhuma dessa análise se faz importante para esse trabalho, uma vez que o produto da etapa posterior é um edifício de porte muito menor, que não compreende tais complexidades de sistemas.

Sua característica mais relevante para este estudo de caso é a articulação espaciais do conjunto, proposta por Hertzberger, e a qualidade do espaço criada para melhorar o desempenho nas atividades de trabalho e interação pessoal.



FIGURA 21 – Centraal Beheer – Rua central
FONTE: HERTZBERGER, 2006 pg. 80

A galeria que faz a conexão entre os blocos, ou rua central, dispõe o espaço verticalmente e horizontalmente, conferindo uma unidade mais inteligível do complexo como um todo, e ao mesmo tempo dando aos espaços conexões visuais importantes para o relacionamento humano.

As ruas e o conceito de convivência baseado nelas, que Hertzberger (2005) cita em seu livro, podem ser comparados aos corredores de um edifício de escritórios. À medida que essas ruas não são convidativas e seu espaço então é tratado como apenas um local de passagem elas perdem seu propósito.

A iluminação zenital confere às galerias iluminação natural, assim gera um espaço semelhante ao espaço público aberto, às ruas. Nelas são distribuídos diversos ambientes para reuniões informais como lugares para tomar café e espaços de descanso, dessa forma encorajando a interação social. Outra característica dessa iluminação é proporcionar luz natural a todos os demais

ambientes que se encontram abertos aos corredores centrais.

Hertzberger projetou o edifício para que seus usuários se sentissem parte de uma comunidade de trabalho sem que parecessem perdidos na multidão. Desse modo, houve uma preocupação no ambiente de trabalho, de modo a não formar um único plano como nos demais escritórios produzidos na mesma época.

Os blocos criados pelo arquiteto permitem que grupos pequenos de pessoas se apropriem de um mesmo ambiente que se subdivide em outros espaços menores. Além disso, os profissionais são encorajados a personalizar e decorar o espaço, que foi concebido em materiais e formas simples com esse intuito. Esta apropriação pelo usuário é uma forma de desconstruir o ambiente rígido e severo presente na maioria dos edifícios de escritório até então.



FIGURA 22 – Centraal Beheer – Estações de trabalho
FONTE: ARCHITECTUURSTUDIO

Embora o edifício seja muito interessante do ponto de vista do relacionamento humano, o tamanho do complexo e a quantidade de circulação existente fazem com que a escala humana se perca além de dificultar a

localização espacial pelo usuário. Outra desvantagem é que se torna muito menos eficiente do que as outras formas de edifício de escritórios desenvolvidas, pois a quantidade de metros quadrados por empregado aumenta consideravelmente devido à grande quantidade de circulação.

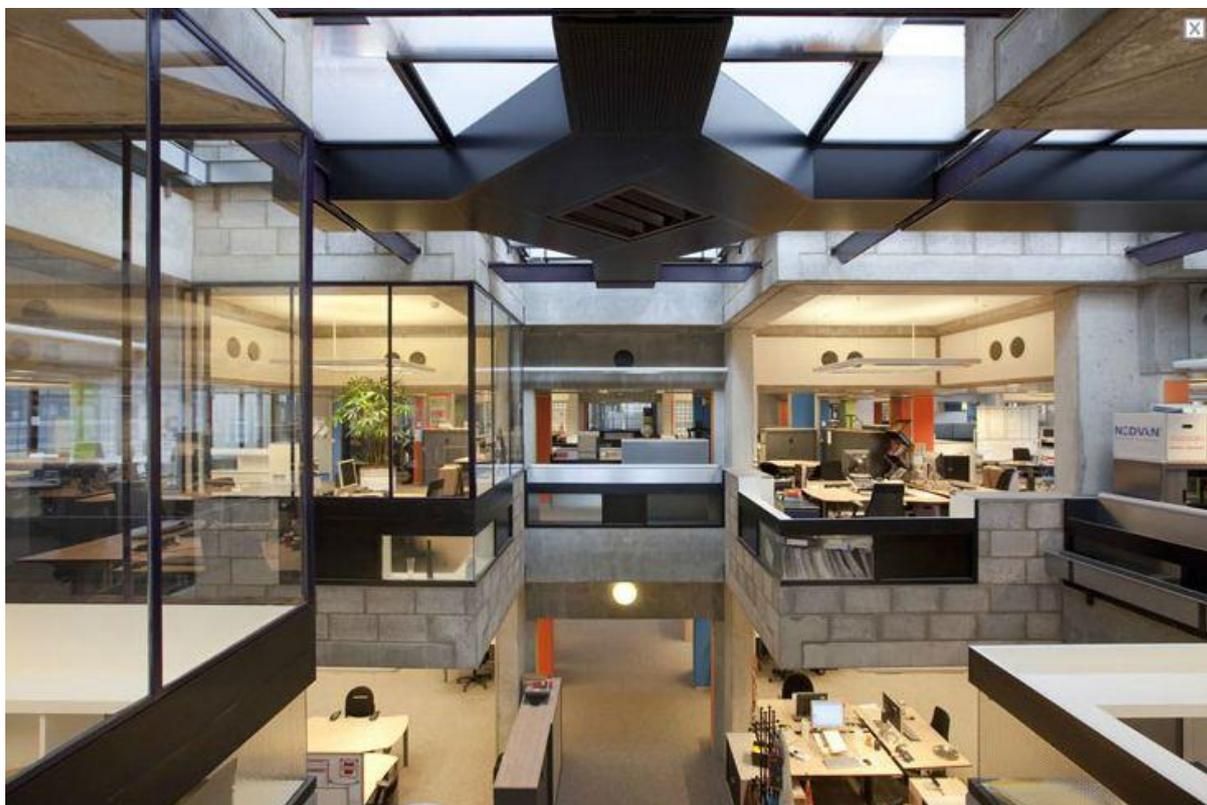


FIGURA 23 - Centraal Beheer – Átrio
FONTE:ARCHITECTUURSTUDIO

6.2 20th St. OFFICES

O escritório *20th Street Offices* é o estúdio criativo de três firmas de design em Santa Monica, Califórnia. Ele possui cerca de 650m² distribuídos em dois pavimentos, além do mezanino. Projetados pelo escritório Belzberg Architects em 2009, o escritório possui certificação LEED⁹ com classificação *Gold* (ouro).

A escolha desse escritório como estudo de caso consiste em sua dimensão compatível com a desejada para o projeto posterior de um edifício de escritórios, além de apresentar métodos sustentáveis em sua elaboração.



FIGURA 24 - 20th Street Offices
FONTE: ARCHDAILY

⁹*Leadership in Energy and Environmental Design*, ou LEED, é uma certificação, concedida pela ONG americana U.S. Green Building Council, em que o edifício é avaliado em um sistema de pontos segundo critérios de racionalização de recursos. É a certificação desse tipo mais reconhecida no Brasil. As categorias de premiação são: Classificada, Prata, Ouro e Platina, em ordem crescente de importância.

A sustentabilidade é um assunto que, nos dias atuais, não pode passar despercebido. Além disso, algumas medidas tomadas em prol da sustentabilidade também melhoram a qualidade do ambiente, e, nesse caso, a qualidade de vida no espaço de trabalho.

Em edifícios desse porte é quase que inadmissível não dar a devida importância aos fatores que contribuem para o meio ambiente, principalmente àqueles que podem ser resolvidos quando na concepção do projeto, sem necessitar de nenhum outro tipo de tecnologia adicional. A simples captação da água da chuva para utilização na irrigação ou lavagem de calçadas externas é um recurso que não necessita de nenhuma tecnologia específica e garante a redução no consumo de água.

Em Curitiba a Lei Nº 10.785 de 18 de setembro de 2003, regulamenta pelo decreto nº 293/2006, cria o Programa de Conservação e Uso Racional da Água nas Edificações (PRAE). Nela a utilização de fontes alternativas, ou seja, a captação, armazenamento e utilização das águas proveniente da chuva ou a captação, armazenamento e utilização das águas servidas¹⁰, se torna obrigatória. O decreto que a regulamenta torna obrigatória a captação de águas pluviais instaladas nas coberturas das edificações assim como a instalação de dispositivos redutores do consumo de água. (CURITIBA, Lei nº 10785...)

Além dos sistemas tecnológicos, ou ativos, utilizados nesse edifício, tais como painéis fotovoltaicos para captação de energia solar e o sistema de irrigação integrado com sensores de evaporação, o edifício foi concebido de forma a utilizar também os meios passivos de sustentabilidade. A disposição das aberturas tanto para a entrada de luz como para circulação de ar, são parte fundamental para a redução de energia resultante da menor utilização de ar condicionado e luz elétrica. O escritório também incentiva o uso dos meios de transporte alternativos, como a bicicleta e o transporte público, disponibilizando bicicletários e vestiários para os usuários, como forma de apoio as práticas sustentáveis.

¹⁰ Águas servidas são as águas utilizadas na máquina de lavar roupas, no tanque e no chuveiro, que depois são utilizadas na descarga sanitária e só aí descarregadas na rede pública de esgoto.

SUSTAINABLE SYSTEMS

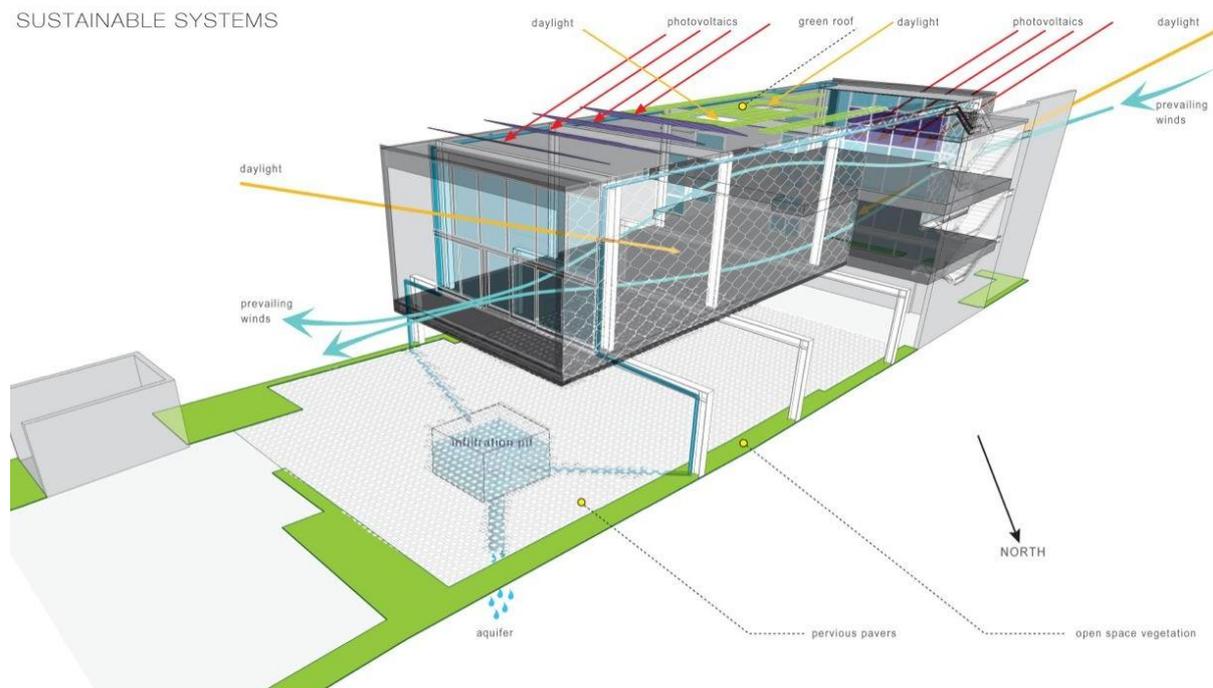


FIGURA 25 - 20th St. Offices – Diagrama de métodos sustentáveis - perspectiva
 FONTE: ARCHDAILY

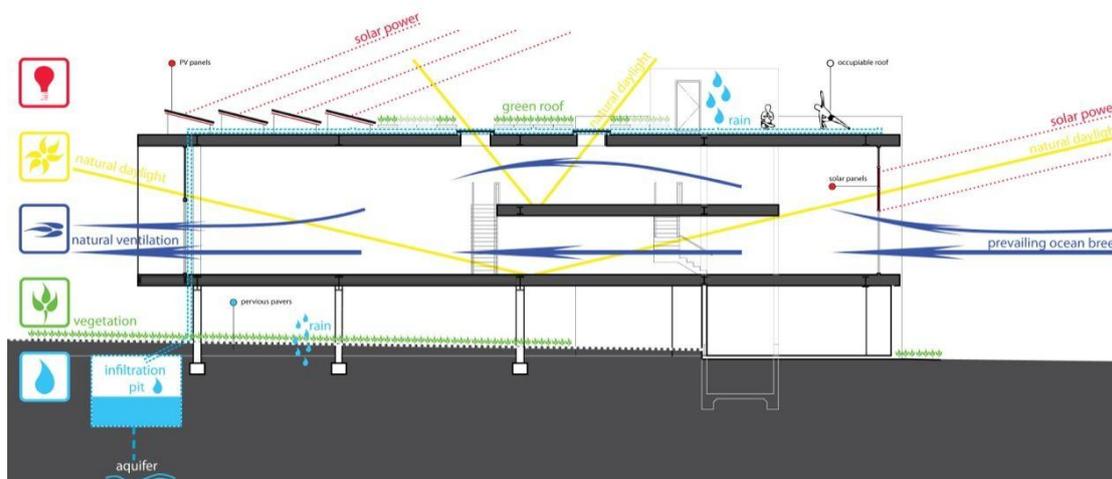


FIGURA 26 - 20th St. Offices – Diagrama de métodos sustentáveis - corte
 FONTE: ARCHDAILY

Esse escritório apresenta características bastante semelhantes às de um escritório *coworking*, como a sua planta aberta e o modo como os ambientes foram distribuídos. Os funcionários trabalham em um grande salão o qual, além das estações de trabalho, contem mesas de reunião e espaços mais

descontraídos. A sala de reuniões formal se encontra separada e é dividida dos corredores laterais por vidro. Além do grande salão principal, o escritório tem outros espaços de trabalho, como estúdios e salas fechadas.

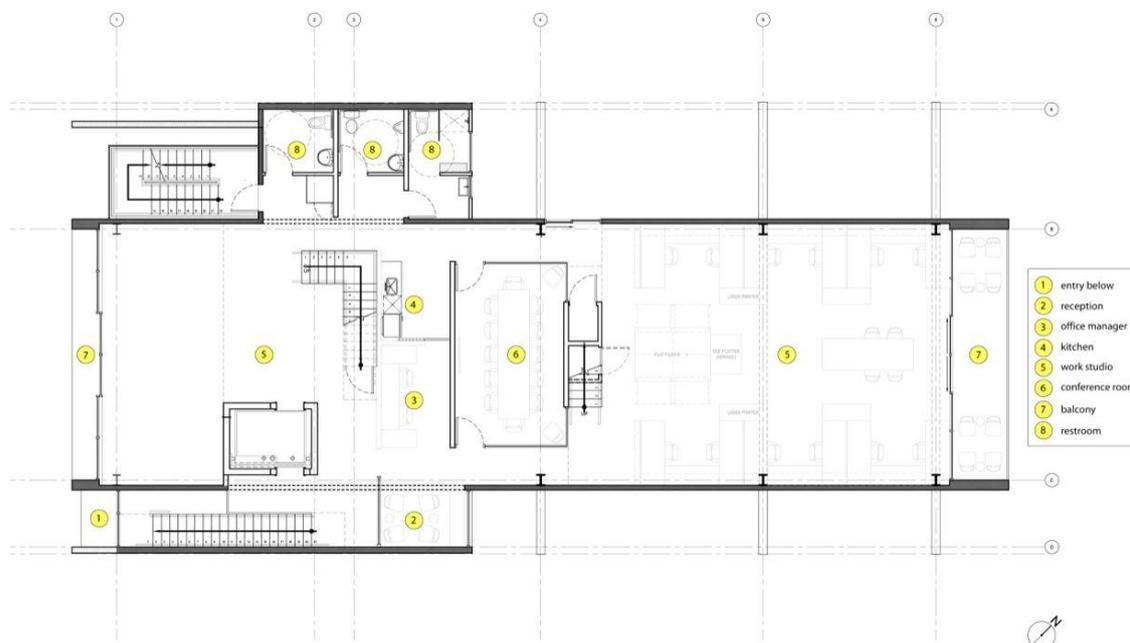


FIGURA 27 - 20th St. Offices – Planta primeiro pavimento
FONTE: ARCHDAILY

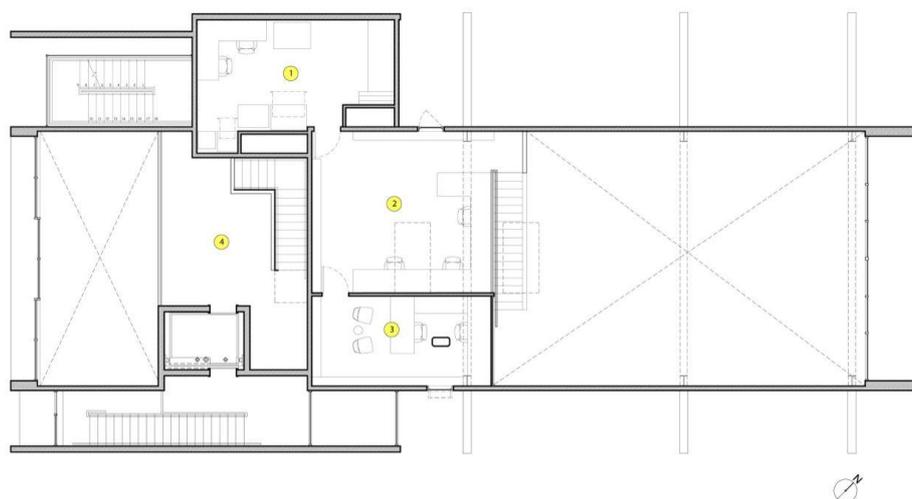


FIGURA 28 - 20th St. Offices – Planta mezanino
FONTE: ARCHDAILY

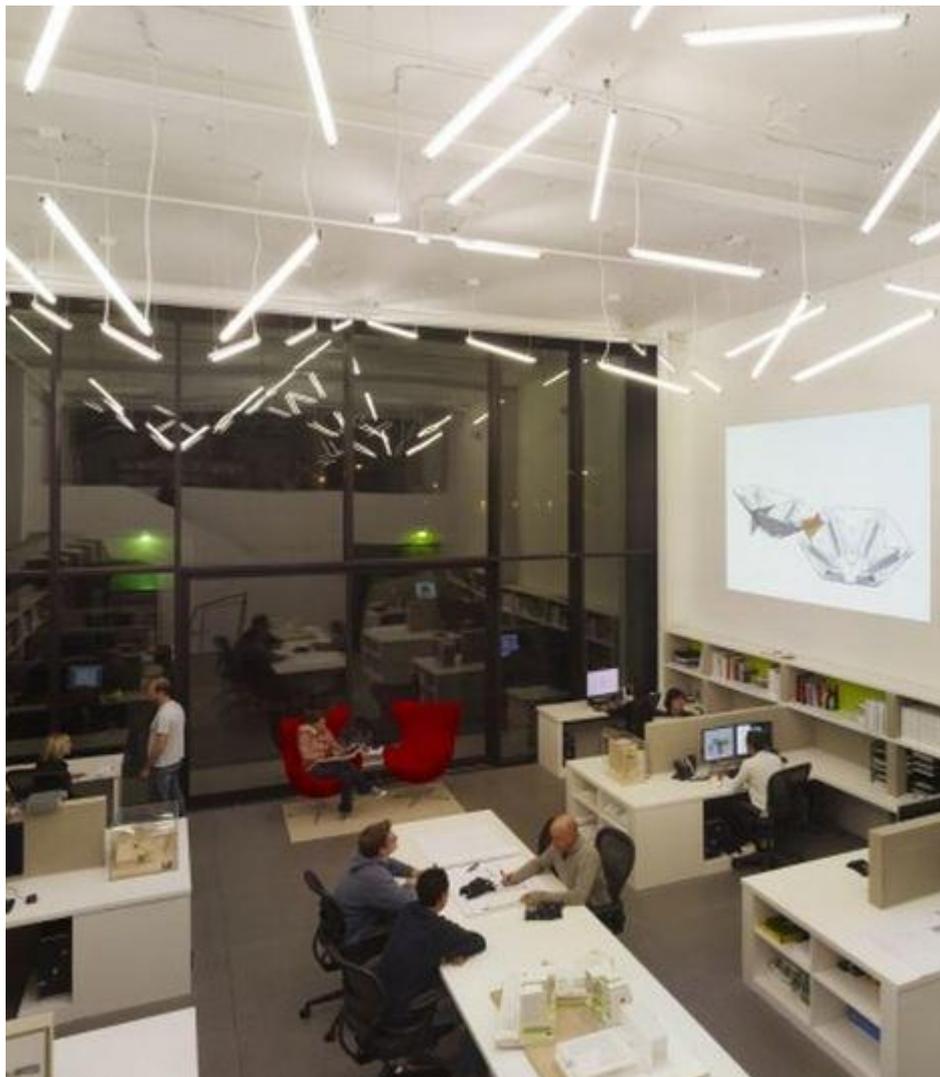


FIGURA 29 - 20th St. Offices – Vista do salão de trabalho
FONTE: ARCHDAILY

O escritório também utiliza sua cobertura como espaço para algumas atividades, tais como projeções de filmes, espaço de alongamento e para refeições. Além desses espaços há um jardim e os painéis fotovoltaicos instalados no restante da cobertura. Até mesmo o estacionamento é agradável; aberto e parcialmente ao abrigo da chuva, pois se localiza em baixo do volume do prédio, que é sustentado por pórticos metálicos. Esse espaço criado para a área de estacionamento se torna interessante uma vez que pode também servir para outro tipo de atividade quando necessário.

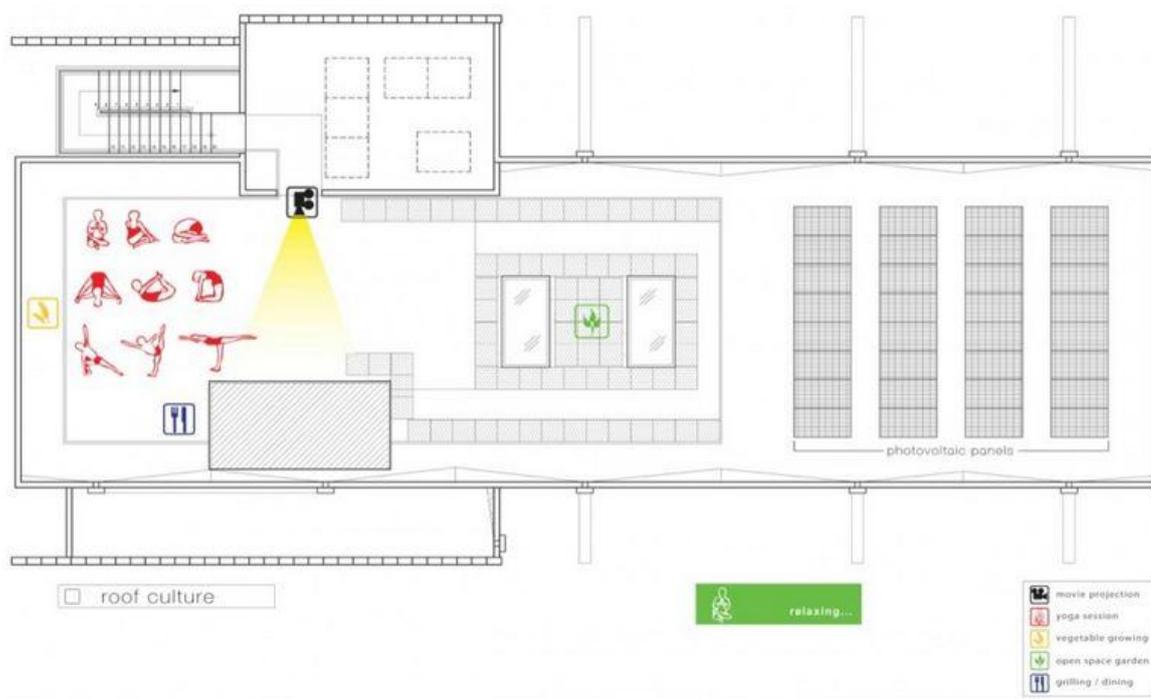


FIGURA 30 - 20th St. Offices – Funções da cobertura
FONTE: ARCHDAILY



FIGURA 31 - 20th St. Offices – Estacionamento
FONTE: ARCHDAILY

7. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

7.1 ESCRITÓRIOS COWORKING EM CURITIBA

7.1.1 ALDEIA COWORKING

A Aldeia Coworking está localizada no centro da cidade de Curitiba e possui outra sede em Londrina.



FIGURA 32 - Aldeia Coworking - Salão de trabalho
FONTE: ALDEIA COWORKING

Fundado em 2010, esse escritório tem recepção, cozinha, ambientes de trabalho, salas de reunião, espaço para eventos e uma sala de espelhos.

Para este escritório os móveis foram planejados de forma que uma mesa pudesse ser produzida a partir de uma única peça de MDF, dessa forma, diminuindo custos e desperdício de material.



FIGURA 33 - Aldeia Coworking - Sala de Espelhos
FONTE: ALDEIA COWORKING

A implantação do escritório em um edifício já existente reduziu as possibilidades de layout e os ambientes ficaram mais separados do que na maioria dos escritórios dessa tipologia, ainda assim o conceito de comunidade foi mantido. O escritório promove uma biblioteca colaborativa que se localiza em estantes ao longo da circulação do espaço de trabalho. Entre as estantes foram inseridos sofás que além de serem utilizados no momento de consulta dos livros também podem promover conversas informais.

Além da biblioteca o “espaço de criatividade” (que nada mais é do que uma parede quadro-negro, ou parede de giz), localizado em frente aos *lockers*, também promove a interação entre os usuários.

Em geral, o escritório atinge os objetivos de sua tipologia, porém tem poucas opções de espaço de trabalho compartilhado devido ao seu tamanho. Um ponto positivo é a criação de outro atrativo além das salas de reunião. A sala de espelhos é um ambiente bastante específico e difícil de ser encontrado nos outros tipos de espaços comerciais disponíveis.

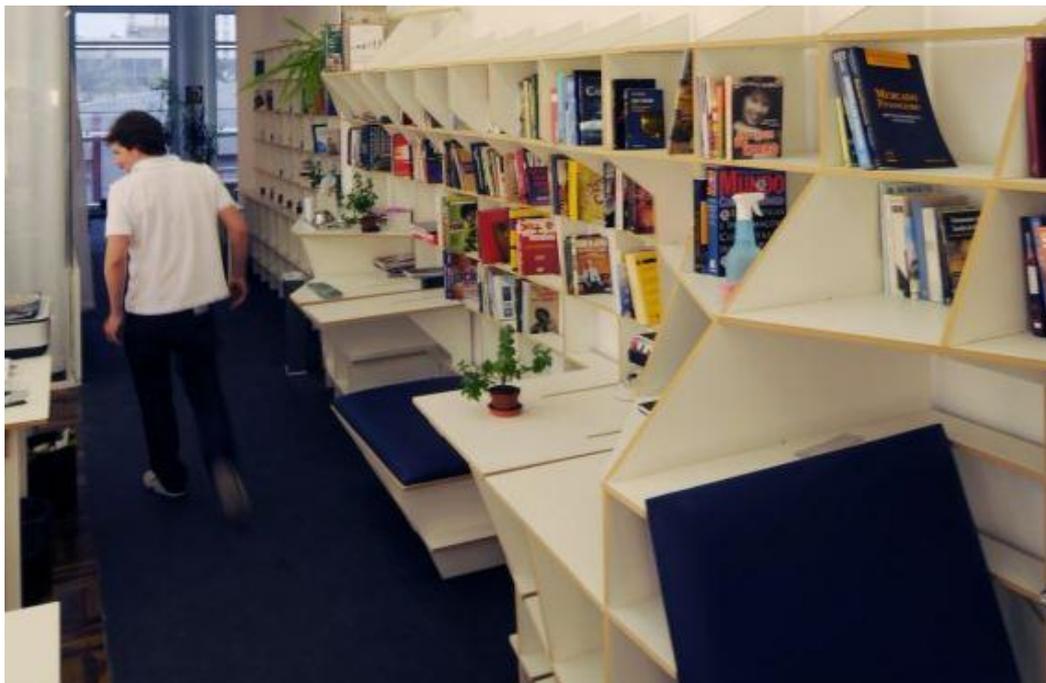


FIGURA 34 - Aldeia Coworking - Biblioteca Colaborativa
FONTE: ALDEIA COWORKING



FIGURA 35 - Aldeia Coworking - Espaço de criatividade
FONTE: ALDEIA COWORKING

7.1.2 NEX COWORKING

O Nex Coworking, fundado em 2011, localiza-se no Centro próximo ao Batel. Além da sede de Curitiba o escritório apresentante também sede em Londrina e em Cascavel.



FIGURA 36 - Nex Coworking – Estar
FONTE: NEX COWORKING

O escritório apresenta salões de trabalho, cozinha integrada com um dos salões, duas salas de reunião. *lockers* e espaço de estar. O mobiliário é bastante convidativo e confortável, porém apresenta pouca flexibilidade. A localização da cozinha não favorece a interação, pois esta situada no mesmo ambiente que um dos salões de trabalho, o que também prejudica quem se instala naquele local para trabalhar. Geralmente as atividades na cozinha são barulhentas e cheirosas e nenhuma dessas situações favorece o ambiente de trabalho.



FIGURA 37 - Nex Coworking - Cozinha e lockers
FONTE: NEX COWORKING

Assim como a Aldeia Coworking, o Nex Coworking também foi estabelecido em um edifício existente e, por isso, seu layout não é o dos mais indicados. Tanto a cozinha como os lockers estão posicionados em locais muito abertos. Os ambientes integrados propostos por essa tipologia de escritórios não são necessariamente um único grande ambiente com todas as funções distribuídas por ele. É necessário deixar o usuário confortável em suas atividades, o espaço deve permitir que essas atividades aconteçam.

7.1.3 HUB CURITIBA

O Hub Curitiba faz parte da mesma rede de escritórios *coworking* do primeiro escritório analisado no capítulo 4 (quatro) deste mesmo trabalho, o Hub Madri. A sede de em Curitiba foi estabelecida no início de 2012 e conta com um espaço de 430m², localizada no Centro da cidade, a 5 quadras do Teatro Guaíra e da Reitoria da Universidade Federal do Paraná.



FIGURA 38 - Hub Curitiba – Entrada
FONTE: HUB

Nesse espaço encontram-se salões de trabalho, três salas de reuniões e/ou eventos, cozinha e um mural de recados. Diferente do Nex coworking, o Hub Curitiba adota a mesma postura da Aldeia Coworking, apresentando mobiliário de fácil adaptação ou remoção, quando necessário, permitindo um espaço mais flexível. Diferente da Aldeia, as cadeiras dos seus espaços de eventos podem ser empilhadas, o que também apresenta mais possibilidades ao local e pode poupar espaço.

De forma geral os ambientes se enquadram nos propostos por essa nova tipologia de escritório. O ambiente das estações de trabalho também é único, e por receber eventos no mesmo local, seu mobiliário é movido frequentemente, o que diminui o grau de personalização e intervenção dos usuários nesse

ambiente.



FIGURA 39 - Hub Curitiba - Salas de reunião e/ou Eventos
FONTE: HUB



FIGURA 40 - Hub Curitiba - Cozinha e quadro de recados
FONTE: HUB

7.2 TERRENO

Para a escolha do terreno, que será base para a formulação posterior do projeto de um edifício de escritórios *coworking*, foi levado em consideração a localização dos escritórios existentes em Curitiba, abordados nos subcapítulos 7.1,1, 7.1.2 e 7.1.3 deste mesmo trabalho. Os três escritórios estão localizados relativamente próximos e em locais centrais bastante movimentados da cidade.

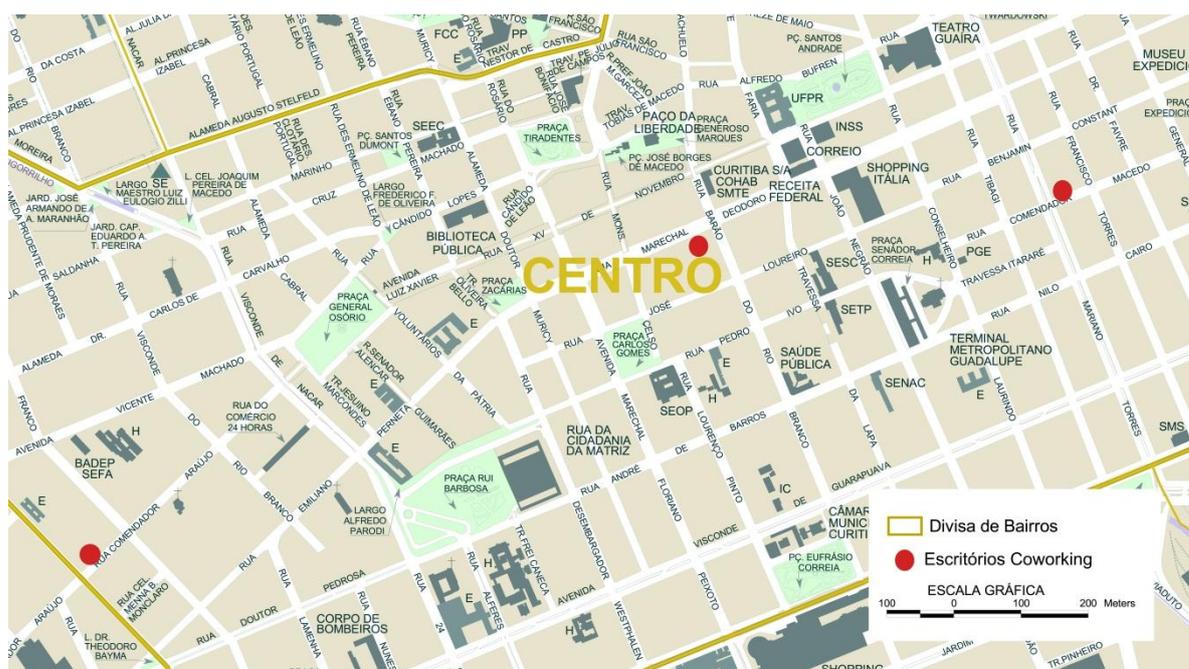


FIGURA 41 - Localização dos escritórios coworking de Curitiba
FONTE: a autora

Outro fator importante foi a proximidade da região central de Curitiba e do Centro Cívico da cidade, as quais concentram atividades e órgãos importantes a muitos profissionais. Porém a intenção aqui não é ficar tão próximo ao centro quanto os outros três escritórios existentes, por dois motivos: não é interessante que haja tanta concentração da mesma tipologia de escritórios em uma única região da cidade; pretende-se facilitar o acesso aos usuários e não fazê-los ter que enfrentar o trânsito caótico da região central de Curitiba.

Além desses fatores, o custo de terra, as ciclovias (mapas em anexo) e os parâmetros construtivos, obtidos através do zoneamento, também foram estudados para encontrar uma região mais adequada a implantação do projeto.

A região central do bairro Ahú se tornou um ponto de interesse para a procura do terreno, porém, o zoneamento permite a construção dessa tipologia de edifício apenas em algumas ruas da região, delimitadas pelos setores especiais do sistema viário. Assim, o terreno escolhido fica na divisa dos bairros Ahú e São Lourenço.



FIGURA 42 - Localização do terreno
FONTE: a autora

O terreno localiza-se no meio de quadra na Rua Cel. Brasilino Moura. Fica próximo a ciclovia que segue até o Parque São Lourenço e o Parque Tinguí ao norte e, ao sul, passa pelo Bosque João Paulo II, segue até o Passeio Público e se estende as outras parte da cidade.



FIGURA 43 - Foto aérea do terreno
FONTE: adaptado do Goofle Earth, 2013

Além disso, o terreno é acessado facilmente pelas redes de ônibus que circulam na região, pelas ruas Mateus Leme, Alberto Foloni e na própria Brasilino Moura.

A Rua Brasilino Moura é classificada como via coletora 1. Essa classificação permite que alguns usos não permitidos pelo zoneamento padrão da região, ZR-2 (Zona residencial 2), sejam admitidos face à tipologia da via. Nesse caso, os usos identificados como comércio e serviços vicinal, de bairro e setorial, com área máxima construída de 2000 m², são identificados como permissíveis.

Os parâmetros construtivos para este terreno são:

- Coeficiente de aproveitamento: 1
- Taxa de ocupação: 50%
- Taxa de Permeabilidade: 25%
- Altura Máxima: 02 pavimentos

- Afastamento das divisas: 2,50m
- Estacionamento: Obedecer o contido no decreto 582/90.

O terreno, de face sul, possui testada de 40 metros e área total de 1791 m². Os edifícios da região são baixos, de até dois pavimentos. De modo geral, o espaço percebido é bastante amplo e calmo.



FIGURA 44 - Testa do terreno
FONTE: A autora



FIGURA 45 - Rua Cel. Brasilino Moura – vista 1
FONTE: A autora.



FIGURA 46 - Rua Cel. Brasilino Moura – vista 2
FONTE: A autora

7.3 DIRETRIZES DE PROJETO

A presente pesquisa apresentou os objetivos do escritório *coworking* que, através da fundamentação teórica, provou ter rebatimentos espaciais importantes que influenciam o comportamento e podem garantir o sucesso das intensões propostas nessa nova forma de trabalhar e interagir.

O início dessa pesquisa foi motivado por não existirem edifícios próprios dessa tipologia de escritórios e nem publicações a respeito dos espaços gerados.

A proposta de um edifício de escritório *coworking* visa obter um espaço apropriado para essa tipologia desde seu princípio, e não a partir de adaptações de edifícios existente, como acontece normalmente, que não permitem total liberdade de construção espacial.

Além disso, o estudo de caso apontou foi elaborado de forma a complementar a teoria e adicionar conceitos de sustentabilidade ao projeto.

Com base nas questões levantadas se estabeleceu as seguintes diretrizes projetuais que devem guiar o projeto desenvolvido na próxima etapa de Trabalho Final de Graduação:

- Posicionar o edifício de forma que sua entrada seja de fácil acesso e de fácil percepção, devido ao alto índice de fluxo de entrada e saída que essa tipologia de edifícios gera;
- Proporcionar espaços onde a inter-relação pessoal seja favorecida, para atingir o objetivo principal dessa tipologia de trabalho;
- Proporcionar ambientes compatíveis com as atividades estabelecidas tomando o devido cuidado para que cumpram o objetivo do escritório *coworking* sem prejudicar o ambiente de trabalho;
- Diversificar os ambientes de forma a obter uma quantidade

significativa de escolhas aos usuários, proporcionando varias escalas de privacidade.

- Aplicar técnicas passíveis de sustentabilidade, isto é, as que não necessitam de energia não renovável ou tecnologia específica para serem aplicadas, tais como ventilação e iluminação naturais apropriadas;
- Dar suporte a todos os meios de transporte e atentar para o incentivo à utilização de meios transporte alternativos.

7.2.1 Pré-programa

O escritório *coworking* proposto segue o programa da maioria dos escritórios dessa tipologia estudados. Segundo Foertsch, a faixa etária dos usuários varia entre 20 (vinte) e 50 (cinquenta) anos.

Para o novo edifício foi estimado atender a 40 (quarenta) pessoas acomodadas em estações de trabalho ao mesmo tempo. Esse número é considerado como um escritório *coworking* de porte médio a grande. Para isso o programa previsto inclui:

- Locais de atividades de trabalho que exigem um nível de concentração maior: estações de trabalho e ambientes mais reservados para reuniões menores;
- Locais de descontração: espaços de descanso, estações de trabalho para atividades que exigem grau de concentração menor e espaços abertos para reuniões informais;
- Locais de reuniões: Salas de reunião de diversos portes e um pequeno auditório;
- Local para refeição: área destinada para o preparo e consumo de alimentos;
- Local para higiene pessoal: vestiários e/ou banheiros;

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUDD; Christopher. *The Office: 1950 to the Present*. Nova Iorque, Workspere, 2001.

CURITIBA. *Lei no 9.800 e Leis Complementares da Legislação do Uso do Solo*. Prefeitura Municipal de Curitiba, 2000. Arquivo digital.

CURITIBA, *Lei nº 10785, de 18 de setembro de 2003. Cria no município de Curitiba, o programa de conservação e uso racional da água nas edificações – PURAE*. Prefeitura Municipal de Curitiba, Arquivo digital.

DEGUZMAN, Genevieve V.; TANG, Andrew I. *Working in the “UnOffice” – A Guide to Coworking for Indie Workers, Small Businesses, and Nonprofits*. San Francisco: Nighth Owls Press, 2011.

FAYARD, Anne-Laure; WEEKS, John. Who Moved My Cube? *Harvard Business Review*. Jul/2011. Disponível em: <<http://hbr.org>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2013.

FOERTSCH, Carsten. *The 2nd Global coworking Survey*. Berlin: Deskmag, 2012.

HALL; Edward T. *A dimensão oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HUWART, Jean-Yves; DICHTER, Girdano; VANRIE, Philippe. *Coworking: Collaborative Space for Microentrepreneur*. Brussels: EBN, 2012.

HUWART, Jean-Yves; SZKUTA, Katarzyna; OSIMO, David. *Coworking Europe 2010 Survey*. [S.l.: s.n.], 2010.

KWIATKOWSKI, Angel; BUCZYNSKI, Beth. *Coworking: Building Community as a Space Catalyst*. Cohere LLC, 2011. e-book.

MARMOT, Alexi F.; ELEY, Joanna. **Office Space Planning: designing for tomorrow's workplace.** New York: McGraw-Hill, 2000.

WEBGRAFIA

ARCHITECTUURSTUDIO HERMAN HERTZBERGER. Disponível em: <<http://www.ahh.nl/>> Acesso em: 8 de fevereiro de 2012.

BROEK, Whiliam v. d. **A Typology of needs for coworking spaces.** DESKMAG. out/2012. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2013.

CARUSO, Adam; ST. JOHN, Peter. **Origins of the Office.** CARUSO ST JOHN ARCHITECTS Disponível em: < <http://www.carusostjohn.com/>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2013.

CASHMAN, Anna. **Community-sourced ethos: coworking in practice.** DESKMAG set/ 2009 Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/community-sourced-ethos-coworking-in-practice -557>> Acesso em: 22 de janeiro de 2013.

CURITIBA EM DADOS. Disponível em: <http://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm> Acesso em: 22 de fevereiro de 2013.

EGAN, Dermot. **The growth of the hybrid coworking space.** DESKMAG fev/2013. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/hybrid-coworking-space-design-the-hub-clubworkspace-london-697>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2013.

FOERTSCH, Carsten. **Advantages of coworking spaces over other offices.** DESKMAG. out/2012 Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/advantages-of-coworkig-spaces-over-traditional-and-home-offices-581>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2013.

FOERTSCH, Carsten. **The coworker's profile.** DESKMAG. jan/2011. Disponível

em: <<http://www.deskmag.com/en/the-coworkers-global-coworking-survey-168>>
Acesso em: 06 de dezembro de 2012.

FOERTSCH, Carsten. ***The members of coworking spaces.*** DESKMAG. fev/2012 Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-members-of-coworking-spaces-survey-203>> Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

HUB. Disponível em: <<http://www.the-hub.net/>> Acesso em: 30 de novembro de 2012.

_____. ***Hub Offices In Madrid / ch+qs arquitectos.*** ARCHDAILY. Jan. 2011. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/100171>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

FONTES DE ILUSTRAÇÃO

ALDEIA COWORKING. Disponível em: < <http://www.aldeiaco.com.br/>> Acesso em: 8 de fevereiro de 2013.

ARCHDAILY. Disponível em: < <http://www.archdaily.com>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

ARCHITECTUURSTUDIO HERMAN HERTZBERGER. Disponível em: <<http://www.ahh.nl/>> Acesso em: 8 de fevereiro de 2013.

BROEK, William V. D. ***A typology od needs for coworking.*** DESKMAG. 2012. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2013.

CARUSO ST JOHN ARCHITECTS Disponível em: <<http://www.carusostjohn.com/>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2013.

DESIGN YOUR WAY. ***Best 38 I'd-Like-To-Work-In-That-Place Offices.*** Disponível em: <<http://www.designyourway.net/blog/inspiration/interior-design-inspiration/best-38-id-like-to-work-in-that-place-offices/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2012.

GANGPLANK, ***Vision.*** Disponível em: <<http://gangplankhq.com/vision/>> Acesso em: 30 de novembro de 2012.

HERTZBERGER, Herman. ***Lições de Arquitetura.*** Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HUB. Disponível em: <<http://www.the-hub.net/>> Acesso em: 30 de novembro de 2012.

INDY HALL. Disponível em: < <http://indyhall.org/>> Acesso em: 17 de janeiro de 2013.

LA CANTINE. Disponível em: < <http://lacantine.org>> Acesso em 18 de dezembro de 2012.

MUTINERIE. Disponível em: <<http://www.mutinerie.org>> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

NEX COWORKING. Disponível em: <<http://www.nexcoworking.com.br/>> Acesso em: 8 de fevereiro de 2013.

ANEXOS

Quadro IX – Setor Especial das Vias Coletoras 1

FONTE: CURITIBA Lei nº 9.800...

Mapa do custo de terras

FONTE: CURITIBA EM DADOS.

Mapa de ciclovias de Curitiba

FONTE: CURITIBA EM DADOS



QUADRO IV
SETOR ESPECIAL DAS VIAS COLETORAS I

USOS

PERMITIDOS	TOLERADOS	PERMISSÍVEIS	PORTE (m ²)
<ul style="list-style-type: none">- Habitação Coletiva- Habitação Transitória 1 e 2- Habitação Institucional- Comunitário 1 e 2- Comércio e Serviço Vicinal, de Bairro e Setorial- Supermercado e Centro Comercial- Comércio e Serviço Específico - 1 (1)	<ul style="list-style-type: none">- Habitação Unifamiliar- Habitações Unifamiliares em Série	<ul style="list-style-type: none">- Comunitário 1, 2 e 3- Comércio e Serviço Vicinal, de Bairro e Setorial- Supermercado e Centro Comercial- Indústria do Tipo 1	<ul style="list-style-type: none">2000m² (2)400m² (2)2000m² (2)(2)5000m² (2)2000m² (2)5000m² (2)400m² (2)

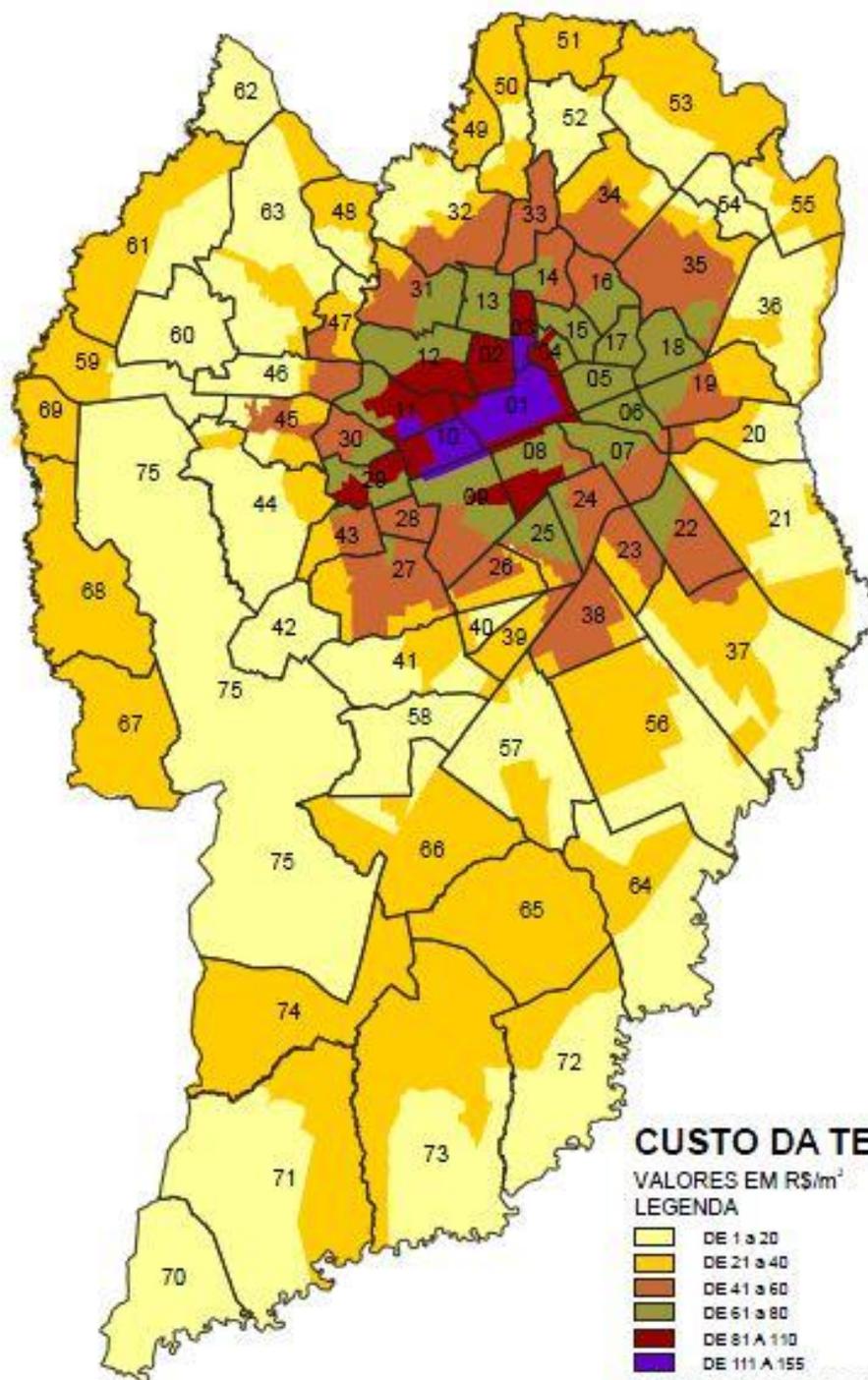
Observações:

(1) Atendida legislação específica.

(2) Independente do porte estabelecido, para as atividades comunitárias, comerciais, de prestação de serviços e industriais, deverá ser respeitado o coeficiente 1 (um).

BAIRROS

01-CENTRO
 02-SÃO FRANCISCO
 03-CENTRO CÍVICO
 04-ALTO DA GLÓRIA
 05-ALTO DA RUA XV
 06-CRISTO REI
 07-JARDIM BOTÂNICO
 08-REBOUÇAS
 09-ÁGUA VERDE
 10-BATEL
 11-BIGORRILHO
 12-MERCÊS
 13-BOM RETIRO
 14-AMU
 15-JUVENÊ
 16-CABRAL
 17-HUGO LANGE
 18-JARDIM SOCIAL
 19-TARUMÁ
 20-CAPÃO DA IMBUÍ
 21-CAJURU
 22-JARDIM DAS AMÉRICAS
 23-GUAIBROTUBA
 24-PRADO VELHO
 25-PAROLIN
 26-GUAIRA
 27-PORTÃO
 28-VILA IZABEL
 29-SEMINÁRIO
 30-CAMPINA DO SIQUEIRA
 31-VISTA ALEGRE
 32-PILARZINHO
 33-SÃO LOURENÇO
 34-BOA VISTA
 35-BACACHERI
 36-BAIRRO ALTO
 37-UBERABA
 38-HAUER
 39-FANNY
 40-LINDÓIA
 41-NOVO MUNDO
 42-FAZENDINHA
 43-SANTA QUITERIA
 44-CAMPO COMPRIDO
 45-MOSSUNGUÊ
 46-SANTO INÁCIO
 47-CASCATINHA
 48-SÃO JOÃO
 49-TABOÃO
 50-ABRANCHES
 51-CACHOEIRA
 52-BARRERINHA
 53-SANTA CÂNDIDA
 54-TINGUI
 55-ATUBA
 56-BOQUEIRÃO
 57-XIXIM
 58-CAPÃO RASO
 59-ORLEANS
 60-SÃO BRAZ
 61-BUTIATUVINHA
 62-LAMENHA PEQUENA
 63-SANTA FELICIDADE
 64-ALTO BOQUEIRÃO
 65-ÓTIO CERDADO
 66-PINHEIRINHO
 67-SÃO MIGUEL
 68-AUGUSTA
 69-RIVIERA
 70-CAXIMBA
 71-CAMPO DE SANTANA
 72-GANCHINHO
 73-UMBARA
 74-TATUQUARA
 75-CIDADE INDUSTRIAL



CUSTO DA TERRA

VALORES EM R\$/m²

LEGENDA



FONTE: SMF - AGO/1997

ELABORAÇÃO: AGO/2001

ESCALA: 1:150.000



IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES

SETOR DE GEOPROCESSAMENTO

Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3253-1414 - Fax (55 41) 3252-8679 - E-Mail: geo@ippuc.org.br

CE



BAIRROS

- 01-CENTRO
- 02-SÃO FRANCISCO
- 03-CENTRO CÍVICO
- 04-ALTO DA GLÓRIA
- 05-ALTO DA RUA XV
- 06-CRISTÓREI
- 07-JARDIM BOTÂNICO
- 08-REBOUÇAS
- 09-ÁGUA VERDE
- 10-BATEL
- 11-BICOBRILHO
- 12-MERCÊS
- 13-BOM RETIRO
- 14-AHÚ
- 15-JUVEVÊ
- 16-CABRAL
- 17-HUGOLANGE
- 18-JARDIM SOCIAL
- 19-TARUMÁ
- 20-CAPÃO DA IMBUÍTA
- 21-CAJURU
- 22-JARDIM DAS AMÉRICAS
- 23-QUABROTUBA
- 24-PRADO VELHO
- 25-PAROLIN
- 26-QUARA
- 27-PORTÃO
- 28-VILA IZABEL
- 29-SEMINÁRIO
- 30-CAMPINA DO SIQUEIRA
- 31-VISTA ALEGRE
- 32-PLARZINHO
- 33-SÃO LOURENÇO
- 34-BOA VISTA
- 35-BACACHERI
- 36-BAIRRO ALTO
- 37-UBERABÁ
- 38-HAUER
- 39-FANNY
- 40-LINDÓIA
- 41-NOVO MUNDO
- 42-FAZENDEINHA
- 43-SANTA QUETÉRIA
- 44-CAMPO COMPRIDO
- 45-MOS SINGUÊ
- 46-SANTO INÁCIO
- 47-CASCATINHA
- 48-SÃO JOÃO
- 49-TABOÃO
- 50-ABRANCHES
- 51-CACHOEIRA
- 52-BARRERINHA
- 53-SANTA CÂNDIDA
- 54-TINGI
- 55-ATUBA
- 56-BOQUEIRÃO
- 57-XAXIM
- 58-CAPÃO RASO
- 59-ORLEANS
- 60-SÃO BRAZ
- 61-BUTIATUVINHA
- 62-LAMENHA PEQUENA
- 63-SANTA FELICIDADE
- 64-ALTO BOQUEIRÃO
- 65-SÍTIO CERCADO
- 66-PINHEIRINHO
- 67-SÃO MIGUEL
- 68-AUGUSTA
- 69-RIVIERA
- 70-CAXIMBA
- 71-CAMPO DE SANTANA
- 72-GANÇINHO
- 73-UMBARÁ
- 74-TATUQUARA
- 75-CIDADE INDUSTRIAL



REDE DE CICLOVIAS

LEGENDA

CICLOVIAS

-  Cicloviás Oficiais
-  Divisa de Bairros

FONTE: IPPUC - dsz/2010

ELABORAÇÃO: mar/2010

ESCALA: 1:150.000

0 100 200 300 Metros



IPPUC

IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES

SETOR DE GEOPROCESSAMENTO

Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - Brasil - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3250-1414 - E_mail: ippuc@ippuc.org.br